

## Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel. Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação de Educadores. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 20, nº 68 - pp. 01-15, 1999.

\_\_\_\_\_. Ciclos de Formação. O que pesquisar e refletir? In: FETZNER, Andréa Rosana (org). Implicações curriculares de uma escola não seriada. **Ciclos em Revista**, Rio de Janeiro, v. 02 – pp. 17-34, 2007.

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; MITRULIS, Eleny. Os Ciclos Escolares: elementos de uma trajetória. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 108 - pp. 27-48, Nov.1999.

\_\_\_\_\_. Trajetória e desafios dos ciclos escolares no país. **Estudos Avançados**. Rio de Janeiro, v.15, n. 42 - pp. 103-140.Maio/Ago. 2001

\_\_\_\_\_. Trajetória e desafios dos ciclos escolares no Brasil. In: Philippe Perrenoud. **Os ciclos de Aprendizagem – um caminho para combater o fracasso escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Infância, escola e uma nova compreensão de temporalidade. In: Jaqueline Moll e colaboradores. **Ciclos na escola, tempos na vida**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BOGDAN, Robert; BIKLEN Sari. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora,1994.

CHARLOT, Bernard. Projeto político e projeto pedagógico. In: Jaqueline Moll e colaboradores. **Ciclos na escola, tempos na vida**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CRAHAY, Marcel. Qual pedagogia para os alunos em dificuldade escolar? **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, nº 130 - pp. 181-208, Jan./Abr. 2007.

CROCHIK, José Leon, CROCHIK, Nicole. Pesquisa e Cotidiano escolar: preconceito e desempenho nas classes escolares homogêneas. **Eccos – Revista Científica**. São Paulo, v. 07, nº 02 - pp. 313-331, Jul./Dez. 2005.

DORNELES, Beatriz Vargas. Laboratórios de Aprendizagem - funções, limites e possibilidades. In: MOLL, Jaqueline. e colaboradores. **Ciclos na escola, tempos na vida**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ESTEBAN, Maria Teresa. Muitos pontos de partida, muitos pontos de chegada – a heterogeneidade no cotidiano escolar. **Educação em Foco**. Juiz de Fora, V. 06, nº 02 - pp. 33-48, Set/Fev. 2001/2002.

FETZNER, Andréa Rosana (org). Implicações curriculares de uma escola não seriada. **Ciclos em Revista**, Rio de Janeiro, Wak ed., v. 02, 2007.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. Escolas em Ciclos: particularidades. Evidenciadas a partir dos dados do Saeb. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, v. 15 - pp. 83-105, Julho/Dez. 2004.

FORQUIN, Jean Claude. O currículo entre o realismo e o universalismo. **Educação e Sociedade**, vol. 21, n. 73 - pp. 187-198, dez. 2000.

\_\_\_\_\_. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 05 - pp. 28-49, 1992.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 2004.

FRANCO, Creso. Iniciativas Recentes de Avaliação da Qualidade da Educação no Brasil. In: FRANCO, Creso. (Org). **Avaliação, Ciclos e Promoção na Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GOODSON, F. Ivor. Hacia un desarrollo de las historias personales y profesionales de los docentes. In: **Revista Mexicana de Investigación Educativa**. México, v. 08 - pp. 733-758, setiembre/diciembre, 2003.

GLÓRIA, Dília Maria Andrade; MAFRA, Leila de Alvarenga. A prática da não-retenção escolar na narrativa de professores do ensino fundamental: dificuldades e avanços na busca do sucesso escolar. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, nº 02 – pp. 231-250, Maio/Ago. 2004.

GOMES, Candido. Alberto. Quinze anos de ciclos no ensino Fundamental: um balanço das pesquisas sobre sua implantação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.25 - pp. 39-52, Jan. /Abr. 2004.

HEACOX, Diane, **Diferenciação curricular na sala de aula – como efetuar alterações curriculares para todos os alunos**. Coleção Estratégias Educativas, Portugal: Porto, 2006.

JACOMINI, Márcia A. A escola e os educadores em tempo de ciclos e progressão continuada: uma análise das experiências no estado de S. Paulo. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, nº 03 - pp. 401-418, Set/Dez. 2004.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 01 - pp. 09-45, Jan/Jun. 2001.

KRUG, Andréa Rosana Fetzner (org). A construção de uma outra escola possível. **Ciclos em Revista**. Rio de Janeiro, Wak ed., v. 01, 2007.

LEITE, Dante Moreira. Promoção Automática e adequação do currículo ao desenvolvimento do aluno. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 84, nº 206/207/208 - pp. 187-196, Jan/Dez. 2003.

LÜDKE, Menga. Evoluções em Avaliação. In: FRANCO, Creso (Org). **Avaliação, Ciclos e Promoção na Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MENGA, Lüdke e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCOZZI, Alayde M.; DORNELLES, Leny W.; RÊGO, Marion V. B. S. **Ensinando a criança: guia para o professor primário**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A. 1975.

MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 27, nº 94 - pp. 01-21, Jan/Abr. 2006.

\_\_\_\_\_. Organização da escolaridade em ciclos no Brasil: revisão da literatura e perspectivas para a pesquisa. **Educação e Sociedade**. São Paulo, v 32, nº 01 - pp. 01-22, Jan/Abr. 2006.

\_\_\_\_\_. **Reinterpretando os Ciclos de Aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. Escola em ciclos, processos de aprendizagem e intervenções pedagógicas: algumas reflexões. In FETZNER, Andréa R. (org). **Ciclos em Revista**. Rio de Janeiro, Wak Ed., 2008. p.118-139.

MIRANDA, Marília Gouvêa de. Sobre tempos e espaços da escola: do princípio do conhecimento ao princípio da socialidade. **Educação e Sociedade**. Campinas, v.26, nº 91 - pp. 639-651, Maio/Ago. 2005.

MOSS, Geoff. **A Strategy for differentiation**. Birmingham: Questions Publishing, 1996.

MOLL, Jaqueline. **Ciclos na escola, tempos na vida**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

NEGREIROS, Paulo Roberto Vidal de. Séries no Ensino Privado, Ciclos no Público: um estudo em Belo Horizonte. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v 35, nº 125 – pp. 181–203, Mai/Ago. 2005.

NETO, Alfredo Veiga. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23 - pp. 01-11, Mai/Jun/Jul/Ago. 2003.

PESSANHA, Eurize Caldas; DANIEL, Emília Borges; MENEGAZZO, Maria Adélia. Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**, nº 27 - pp. 25-46, Set/Out/Nov/ Dez. 2004.

PERRENOUD, Philippe. **Os ciclos de Aprendizagem. Um caminho para combater o fracasso escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_. Profissionalização do Professor e Desenvolvimento de Ciclos de Aprendizagem. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 108 - pp. 7-26, nov. 1999.

SHIROMA, Eneida. Oto.; CAMPOS Roselane. Fátima.; GARCIA, Rosalba. Maria. Cardoso. Decifrar textos para compreender a política: subsídios teórico-metodológicos para análise de documentos. **Perspectiva – Revista do Centro de Ciências da UFSC**, Florianópolis: v. 23 - pp. 427-446, 2005.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a escrever - Perspectivas psicológicas e implicações educacionais**. São Paulo: Ática, 1995.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, Nadir e organizadoras. **Itinerários de pesquisa. Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DPeA, 2003.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs). **Itinerários de pesquisa. Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP e A, 2003.

#### **Teses de Doutorado**

BARBOZA, Eleuza Maria Rodrigues. **A composição de turmas e o desempenho escolar na rede pública de ensino de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 2006.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. **A escolaridade em ciclos: práticas que conformam a escola dentro de uma nova lógica: a transição para o século XXI**. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 2003.

FRIGOTTO, Edith Ione dos Santos. **Construção Curricular e Demarcação Discursiva: gênese e afirmação da proposta da escola cidadã de Porto Alegre**. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 1999.

## Anexos

## ANEXO 1 ENTREVISTAS

### Entrevista com o professor da turma

#### Categoria: Identidade

- Escola: Escola Municipal Aurora
- Professor entrevistado: João
- Idade: 32 anos                      Sexo: Masculino
- Tempo que exerce o magistério: 13 anos
- Dados sobre sua formação: nível médio Normal ( ) nível Superior (X)
- Curso: Pedagogia - concluído ( ) não concluído (X)
- Onde e quando se graduou: O curso normal foi concluído em 1993 e adicional no Município de Silva Jardim/RJ, numa escola pública e o curso de Pedagogia está sendo cursado à distância no Município de Casimiro de Abreu/RJ.
- Carga horária de trabalho: 08 horas (04 horas na Escola Aurora - primeiro turno - terceiro ano do ciclo), (04 horas - segundo turno – Ciep municipalizado)

#### Categoria: currículo

- Como você vê a proposta dos ciclos na rede?  
R: Bem, é uma proposta boa, onde nós podemos, assim... Ver os resultados, quando pegamos... Como diz o ditado popular “pegamos no chifre do boi”. É um ditado popular que mostra a realidade. Quando o professor se empenha, que conhece, pesquisa, se empenha, sabe como é o trabalho, quando o professor não vê a profissão só como um emprego, mas sim, também como o dia a dia, o futuro do seu local... Este ciclo quando se trabalha com ele você vê o crescimento do aluno dia a dia. Quando você trabalha neste ciclo você pode estar junto com outros professores, tentando solucionar as dificuldades do aluno, não fica com aquela coisa de que é só você, no final do ano tem que deixar tudo pronto. Você divide com os colegas as suas angústias, para que ajudem também. Quando você trabalha em ciclos é uma coisa contínua, você começa, o outro dá continuidade naquilo que você pensou pra seu aluno, aquilo que você quer que seu aluno aprenda, e se todo... Assim é um trabalho, um projeto que o Município colocou que dá fruto. É só planejar e tentar mostrar para o seu aluno que você está ali junto com ele, para que ele aprenda, eu creio que isso, assim... Dá resultados.
- Como você diz que é um trabalho onde os professores fazem cada um uma parte, cada um precisa estar engajado no início, no meio e no fim para que o trabalho funcione, de que forma isto acontece na prática aqui da escola Aurora?  
R: No primeiro ano do ciclo, assim... O professor senta com seus alunos com toda a proposta que se tem de alfabetização, de início de alfabetização e começa a dar as primeiras ferramentas, as primeiras condições para que o aluno comece

a ser alfabetizado, ferramentas também do letramento. No final deste primeiro ano você senta, vê o que o aluno alcançou, é mostrado para o grupo, entre o orientador pedagógico da escola e nós os professores do ciclo, sobre o que o aluno alcançou o que faltou alcançar para que o outro professor possa pegar da onde a gente chegou, para dar continuidade. Mas também durante o ano letivo estamos sempre trocando estratégias, informações, para que um ajude o outro.

- Professor, essa troca de estratégias de vocês, em que momento acontece?  
R: Semanalmente a gente tem o planejamento, onde a gente junta os professores do ciclo, a orientadora, a gente planeja as aulas, mas também diariamente, às vezes até no almoço, no lanche, a gente troca informações. Poxa! Isto aqui deu muito certo com minha turma em tal ano, deu muito certo com meu aluno. Às vezes o aluno do outro está passando pela mesma dificuldade, mesma necessidade, aquela estratégia ajuda o outro também. A cada momento trocando.
- O que mudou na Rede Municipal de Ensino, com relação à organização curricular, depois da implantação do Sistema em Ciclos?  
R: Quando cheguei aqui em Casimiro de Abreu estava no finalzinho dessa seriação, passando para o ciclo. Onde eu trabalhava como professor, em outro Município era seriação. Eu vejo que quando chegavam ao final do primeiro ano as crianças que não tinham alcançado todos os objetivos se sentiam frustradas, eles viam os colegas indo para outras séries com 6, 7 anos, não estavam maduros para entender o que era uma reprovação, a criança caía de rendimento. Já quando cheguei aqui no Município e vi o ciclo implantado, eu vi que aquela criança que às vezes não conseguia alcançar, atingir todos os objetivos, no outro ano o professor seguinte ouvia o que a turma e a criança sentiam... Valorizou o que eu aprendi. A coisa mais importante que achei neste ciclo, é... Valorizar o que o aluno aprendeu, por que nem todos aprendem ao mesmo tempo, todos têm seu tempo de aprendizagem, têm seu ambiente de aprendizagem. É uma palavrinha, assim, um estalo, às vezes a criança estava aprendendo, mas não deu aquele estalo, às vezes não aprendeu tudo, mas com o amadurecimento do trabalho, no outro ano o professor continuou o trabalho, ele conseguiu atingir os objetivos.
- Em sua concepção, quais foram os aspectos positivos observados após as alterações feitas em 2001, de retorno ao sistema seriado nas duas últimas séries do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental?  
R: Bem, todo o trabalho tem os pontos positivos e negativos. Se formos pontuar, vamos achar muitos, mas eu gostaria de colocar assim: Positivo: Quando chegou ao terceiro ano, que você teria que mandar para a 3ª e 4ª série (2º ciclo), você aí pode observar o trabalho, assim... Com a junção dos três primeiros anos formou, assim, a criança, lendo, interpretando e quando passou para a 3ª série do 1º ciclo os professores da 3ª e 4ª série tiveram a visão assim: agora eu tenho que trabalhar os alunos para resolver problemas, dar soluções, ortografia, gramática e deixou um pouquinho da parte da leitura e interpretação para o pessoal do 1º ciclo, que é o CBA agora.  
Outra vantagem, por que muitas escolas, algumas maiores 3ª e 4ª série já dão introdução para o segundo segmento 5ª a 8ª, tem divisão de matéria para que o aluno quando chegar à 5ª série, ele vai ver novos professores, não fica perdido por que a 3ª e 4ª série tem dois professores e quando chega à 5ª série tem 8, 9

professores, ele não fica com medo de ir ao professor já agora no ciclo, que é um professor que está trabalhando a parte de leitura e escrita, dando continuidade do CBA, a criança fica estagnada, são tantos professores e eu estou aqui com um professor só. São esses dois pontos positivos que eu considero importantes, mas procurando outros vamos achar.

- Em sua concepção, quais foram os aspectos negativos observados após as alterações feitas em 2001, de retorno ao sistema seriado nas duas últimas séries do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental?

R: No caso dos negativos, quebrou um pouco do trabalho, como falei antes, que os professores trabalhavam juntos quebrou, a 3ª e 4ª série se afastou um pouco do ciclo. Nós estamos aqui trabalhando dessa forma e os professores do ciclo trabalham de outra. Muitos professores de 3ª série não compreendem o que os professores de CBA, do 1º ciclo fazem. Aham que o aluno que chega a 3ª série tem que estar sabendo resolver os problemas que é um trabalho deles. O ciclo é que deixa os alunos alfabetizados, não para estarem entendendo gramática. Este eu acho um ponto negativo que teve na seriação, essa divisão.

- Quais os maiores desafios e/ou dificuldades encontradas para realização de seu trabalho em sala de aula?

R: O primeiro desafio, se colocarmos em ponto é familiar, a família dos alunos. O material que a gente vai trabalhar, o aluno é nosso material, é nossa ferramenta, nossa matéria prima, muitos já vêm lapidados. Alguns já vêm com bagagem familiar que entende o que nós estamos fazendo, outros não, com pouquíssima bagagem dentro da educação. Aí você começa a fazer um trabalho de início da criança, mostrando assim, a realidade que ela tem que alcançar. Os pais não compreendem o que a gente está fazendo. Por que meu filho não está acompanhando igual ao filho de fulano... Por que não sabe ler ainda e você está dando atividade junto com fulano que já sabe ler. Ele vai ficar reprovado? Ele não aprendeu? Cada pai, cada mãe, que foram ensinados na parte seriada, que não entendem, assim, esse ciclo ficam confuso. Por isso, no início, muitos pais vinham na sala perguntar por que o filho tinha passado de série. Está no CA, passou para a 1ª série, não sabe ler ainda? Era a visão que eles tinham quando eles estudavam.

- E agora, isso mudou?

R: Mudou um pouco, não mudou muito não, por que muitos ainda não compreendem. Já fizemos reuniões, já falamos para os pais, mas mesmo assim, ainda não compreendem. Vai passar de série? Não tem nota, não tem prova, como é que meu filho passou aí? Como é que meu filho está no 3º ano do ciclo se está na 2ª série? Para ele ainda é série. Não sabe ler ainda? Não entende o trabalho que é feito, isso é uma dificuldade, um desafio, é mostrar para os pais, que mudou.

Outro desafio, infelizmente somos nós, profissionais, os professores também. A gente depara com o problema, mas se encolhe, não busca, fica com medo de dizer que não sabe. Isso é outra dificuldade. Eu mesmo coloco às vezes, fico com medo de dizer que não sei. Por isso, voltando no início, resolvi fazer pedagogia, para buscar coisas que não sei. A gente fica com medo. O professor João não sabe fazer isso? Vem me perguntar? A gente fica com medo e em troca desse medo, outros que a gente pergunta, ao invés de ajudar eles criticam. Foge

ao que eu disse antes do compartilhamento e de um trocar com o outro. Muitos colegas fazem isto, infelizmente essa é a realidade de qualquer lugar de trabalho, qualquer repartição, seja pública, privada, sempre tem aquele que quer puxar o tapete. Em qualquer lugar tem.

Terceiro e último desafio é o próprio aluno, principalmente quando vem de transferência, de outra escola, de outro Município, que não trabalha esse método... Essa é a minha realidade. Hoje, essa é a minha realidade. Eu tenho muitos alunos de outro Município, de outras escolas que não trabalhavam assim. Nesse finalzinho, nós estamos agora em outubro, inícios de novembro, final do ano letivo, já dá para dizer eu consigo trabalhar, mas no início quando comecei a trabalhar com essa turma, foi difícil, posso dizer que andava com o cabelo em pé. No início do ano eu tinha crianças no nível pré-silábico, no início da escrita e tinha crianças que podiam passar para a 3ª série no meio do ano, se fosse possível, então foi muito complicado, até conseguir mostrar para eles que eram capazes. Os que vinham de fora eram capazes de acompanhar minha turma e aqueles que estavam adiantados eram capazes de ajudar os que necessitavam, foi difícil. Essa é a realidade de quem vem de fora, que ainda não tem essa visão da aprendizagem, de forma de ensino, é um desafio na sala de aula.

- Então você diz que existem essas diferenças em relação às crianças que chegam, tirando essa coisa da chegada das crianças de outros Municípios, de outras escolas, quais são as diferenças e como você classificaria essas diferenças para mim na sala de aula? Que instrumentos você utiliza para diminuir essas diferenças?

R: Eu sou um pouco artístico, eu gosto muito da arte, tanto do teatro, música, coreografia, trabalhos de pintura, jogos, juntos, por que isso dá para trabalhar com todos. Então, não precisa você saber ler um texto completo, interpretar, para fazer uma dança, por que todos fazem. Esse trabalho com artes, com coreografias, danças, músicas, isto já contribui muito para o agrupamento deles, para essa diversidade de aprendizagem, diversidade de, posso dizer, de ambiente intelectual que eles têm até em casa de onde vêm e até diversidade social que eles possuem. Acho que... Todos juntos... Teatro faz junto, jogos fazem juntos, usufruem da parte lúdica. Todos têm capacidade, indiferente do nível que eles estão. Todos conseguem participar. Quando eu comecei a trabalhar isso, aquela diversidade que eles tinham sumiu. Dá uma música, eles cantavam, interpretavam, encenavam a música. Então não precisava ler o texto, ouvindo eles já decoravam a música todinha, com a música decorada eles encenavam, interpretavam, quando iam para a parte escrita e a leitura eles já sabiam a música. Quando eu passava o texto da música aqueles que não conseguiam ler, convencionalmente, liam à música que estava no quadro ou num cartaz. Deu para trabalhar as diferenças, a diversidade deles.

(damos uma pausa na entrevista, para a entrada de crianças no auditório e nos deslocamos para a sala de leitura).

### **Categoria: organização das turmas**

- No início do ano letivo ao se organizarem as turmas, quais são os critérios usados para esta organização? Você, enquanto professor (a) tem alguma participação na estruturação das turmas?

R: Bem, com certeza tenho. Esta é uma parte mais da orientação da escola, mas nós que somos professores estamos ali juntos, por que ninguém melhor que o professor para conhecer seu aluno, para saber como ele está. Em relação a isto, ao final de cada ano e início do ano seguinte os professores do ciclo juntos com o orientador montam as turmas de acordo com a aproximação. De que forma? Se minha turma tem 30 alunos, que vai para o próximo ano do ciclo e a do colega tem 28 alunos, no ano seguinte nós tentamos juntar esses alunos por aproximação de aprendizagem. Posso colocar assim: Os alunos que estão pré-silábicos e silábicos e indo para silábico-alfabéticos, nós conseguimos juntá-los numa turma. E os alfabéticos e silábico-alfabéticos em outra turma. Quer dizer parte mais forte e fraca? Não, mas a gente tenta fazer a aproximação para que não tenha uma realidade muito grande e diversidade de aprendizagem, mais ao mesmo tempo tenha uma diversidade para que cada um ajude ao outro nas suas dificuldades, por que quando o professor não consegue colocar a explicação de forma tão clara para o aluno, o colega compreendeu e passa para o outro o que a gente como professor colocou, assim ajuda. Isso é no ano anterior, quando acaba o período letivo. No ano seguinte, quando começa o próximo, os professores sentam novamente, é como se fosse o diagnóstico inicial, verifica como está esse aluno para assim formalizar as turmas, por que chegam alunos novos e durante o período de férias esse aluno cresce, estando fora, estão aprendendo também.

- Você diz que aproximam os níveis para que eles não fiquem tão distantes e colocam pré-silábicos e silábicos, por exemplo, nesses dois níveis iniciais vocês conseguem perceber que com essa troca o avanço é maior do que se tivesse, por exemplo, os alfabéticos juntos?

R: Bem, se juntasse todos numa sala só eu não sei até que ponto o professor conseguiria trabalhar toda essa diversidade na sala de aula. Por que quando você pega um alfabético que está bem mais avançado e coloca com aquele que está no início, o aluno que está bem início se acomoda ao invés de ajudá-lo e também o inverso acontece, aquele que está bem avançado se sente tão melhor que começa a menosprezar, aí eu fico preocupado. Agora, quando está muito longe, quando tenho a aproximação, eu tenho dois, três, quatro só alfabéticos numa turma que estão silábicos e pré-silábicos você tem pouco deles, eles estão incluídos ali para ajudar, isso aí ajuda. Nós podemos assim, formar várias turmas, quer dizer, se você tem uma turma só na escola e tem todos os níveis, trabalham todos juntos, eles ficam juntos ou uma ou duas turmas só, trabalham todas juntas, quando há opções de fazer várias turmas, mas se nós fizermos uma turma só de pré-silábicos, só de silábicos, isso a gente não faz, é voltar à idade, ao tempo de pedra. Separar bom, ruim, mais ou menos, isso não fazemos.

### **Categoria: avaliação**

- Quais os aspectos considerados com relação ao aluno (a), em seu processo avaliativo? Como este processo se dá?

R: A avaliação é contínua, todo dia o professor avalia seu aluno, tanto no sócio afetivo, como cognitivo, o professor está avaliando. Nessa avaliação a gente faz anotações, a gente tem um caderninho, nós anotamos o que o aluno atingiu na avaliação da aula, aconteceu algo diferente, o aluno que não estava acompanhando avançou, a gente faz uma anotação. A cada final de bimestre nós temos uma avaliação diagnóstica, para ter como registro da escola e do professor para mostrar aos pais o que o seu filho avançou e ao final do ano letivo essas atividades diagnósticas são agrupadas, juntamos todas e fazemos um relatório final para ver o que o aluno conseguiu atingir. Nós trabalhamos assim, todos os dias o professor faz uma avaliação com o aluno.

- Quais as estratégias usadas junto aos alunos (as) que apresentam “dificuldades” na apropriação dos conhecimentos?

R: A gente volta naquela aproximação. Quando a gente tem uma turma com muita diversidade nós podemos fazer umas aproximações dentro da própria sala, com atividades diferenciadas em alguns momentos e outros não, por que, segundo eu até falei na... Antes sobre a música, todos podem participar. A mesma música, a mesma dança, o mesmo teatro, a gente pega assim, a atividade feita em artes, aí você vai e puxa para o conteúdo. Você quer passar além destes, aí você aproxima. Todos trabalharam, fizeram à mesma atividade, agora eu aproximo o pré-silábico do silábico-alfabético. Faço aproximação para que um ajude ao outro na sala e também em alguns momentos eu trabalho dentro da sala, agora com a atividade de grupo, o silábico faz uma, o alfabético faz outra. A cada hora, a cada dia tem uma atividade para que eles não percebam que tem uma diferença, uma diversidade. O professor sabe, esta atividade é só para os pré-silábicos, é só para eles, na outra, não tem um grupo formado, já tem outro grupo. Só o profissional que está na sala sabe o que faz, eles estão estudando juntos e não têm noção de que estão sendo separados, agrupados no dia a dia.

- Quando você separa desse jeito, os pré-silábicos e traz atividade só para eles, o que o restante da turma fica fazendo?

R: Tem atividade diferenciada para todos. Cada grupo está fazendo uma atividade. Se o pré-silábico está fazendo uma produção de texto com letras móveis, os alfabéticos estão fazendo a produção de livrinhos, os silábicos recorte e colagem de palavras que já foram trabalhadas, cada um está trabalhando a leitura e a escrita, cada um de uma forma.

- Você tem uma dinâmica no seu planejamento de dias ou não, uma vez por semana, duas vezes por semana, todos os dias, ou não, é de acordo com o que você vai sentindo?

R: Eu gosto de trabalhar um pouco com rotina na sala, não digo que é uma mesmice, mas que eles tenham a noção do que vai acontecer. Na segunda-feira eles sabem que eu trago um texto, tem leitura, interpretação, na terça-feira tem alguma atividade lúdica em cima daquilo ali, mas não rigoroso que tenha que ser assim. Quando eles estão saciados eu passo daquilo ou cansados também. Ao invés da gente avançar tem sempre uma ‘carta na manga’ tem que mudar, por

que não deu certa esta estratégia, aí eu trago uma dinâmica, tem sempre uma coisa para fazer, essa rotina não é rigorosamente seguida ao ponto de que o aluno não conseguiu atingir, eu tenha que continuar.

### **Categoria: formação continuada dos professores**

- Quais os tipos de curso de formação continuada que você faz, esteja fazendo ou fez recentemente?

R: Cursos a gente está sempre fazendo alguns, por que sempre tem algo novo para aprender. Na semana passada terminou o pró-letramento de português, muito bom, trouxe várias idéias para a gente passar na sala de aula. De vez em quando faço cursos de quatro, oito horas, de arte, meio ambiente, trazendo alguma coisa para o dia a dia da sala de aula, tem também a idéia de palestras no curso de Pedagogia.

- Então, são capacitações nessas áreas, de ciências, matemática, geografia, artes, é isso?

R: São as capacitações que fazemos, não sei declarar assim os nomes das capacitações, sempre são nomes complicados, para falar assim der repente tem que estar lendo.

- Então vou melhorar a pergunta, tentar simplificar os nomes, são capacitações em áreas, artes, teatro, mais ou menos isso?

R: Tem um curso na Petrobrás que estamos fazendo que é de artes e teatro. Os professores passam pela capacitação, a gente traz a idéia para a escola, leva, monta para os alunos. Tivemos o ano todo dentro do NAPE (Núcleo de Apoio ao Profissional da Educação), diversos cursos para capacitação de quatro horas, que sempre está passando algo para a gente.

- Quais os critérios utilizados para seleção dos cursos?

R: Bem, a meu ver a escola, o diretor, ele gostaria de enviar todos, mas não tem condições de suprir aos alunos, é feito em forma de seleção, por gosto, por tempo, por possibilidades de ir. O professor que gosta muito de ciência é convidado a participar dessa capacitação. De alfabetização, o professor do ciclo é convidado a participar dessa capacitação. O gosto e a disponibilidade.

- A escola tem interferência na seleção dos cursos?

R: Sempre que acaba um curso tem uma ficha para sugestões de que cursos, temas e onde queremos, mas também com a visão do próprio núcleo, lá traz outros cursos, além das nossas sugestões.

- Fale um pouco de sua escolha por ser professor e de sua atuação em um sistema em Ciclos:

R: Minha escolha vou ser bem real, não foi uma escolha. Eu quando comecei estudava em um lugar onde não tinha opção dentro do Ensino Médio, ou fazia Formação de Professores, ou fazia Formação de Professores. No primeiro ano da Formação de Professores quando me vi na sala de aula, quando fui estagiar eu senti afeto pelas crianças, me encontrei na sala de aula. No segundo, terceiro ano, tive a oportunidade de mudar de curso, aí eu não quis, continuei a estar neste campo na sala de aula. No mesmo ano que me formei já comecei a

trabalhar. Em fevereiro eu comecei a trabalhar. Eu como professor, homem na 1ª à 4ª série, no primeiro segmento é pouquíssimo na nossa região, principalmente onde eu morava tinha dois ou três trabalhando com crianças, mas mesmo assim eu me realizei e hoje já tem vários professores, estagiários trabalhando com crianças pequenas. Fico alegre, por que não tem que ter essa diferença de homem, mulher. Gostei muito de ver professores, colegas trabalhando, por que acho que esta foi minha escolha. Quando estive na sala de aula eu vi as crianças depois de estar estudando no curso de Formação de Professores.

Voltando no início da primeira pergunta, quando cheguei ao Município de Casimiro de Abreu que tinha esse ciclo eu me assustei, na realidade eu me assustei, por que eu não trabalhava assim, por que não tinha essa visão de relatório, de diagnóstico, de estar olhando o aluno todo dia, aonde eu comecei a trabalhar, aonde me formei não era assim, eu fiquei perdido, tive que buscar. Hoje eu gosto de trabalhar no ciclo e até penso assim que o ciclo poderia ter mais envolvimento dos professores nos primeiros anos do ciclo. Assim... Que a 3ª e 4ª série acabou como comentamos, dessa forma, uma escola ter uma visão como profissional dentro do ciclo, que o professor da 3ª e 4ª série esquecesse isso e trabalhássemos o seguinte, o grupo. Sala do professor tal, sala do professor X e Y. Que cada professor trabalhasse para que o aluno crescesse, o aluno chegou ao objetivo no meio do ano não precisaria ir para outra sala, que se fizessem tão juntas, não tivesse separação. Se o aluno lesse, interpretasse, essa é a meta do primeiro ano do ciclo, atingiu em julho, fosse para a sala do outro professor que está trabalhando isso, fosse dada uma continuidade. Às vezes, a gente vê que o aluno, às vezes já alcançou o objetivo e continua ali, até o final do ano quando já está cansado de saber. Quem sabe esse ciclo que são três anos, para a criança que tem envolvimento poderia ser feito em dois, aí sim, os professores teriam que estar juntos todos os dias, conversando, planejando a aula. Esse é o meu sonho, de ver o ciclo trabalhando, sendo trabalhado, mas enquanto não estamos lá vou fazendo isso em minha própria sala. O aluno atingiu esse objetivo eu dou outro objetivo e tento levar, atingiu todos os objetivos daquele ano do ciclo, não paro ali não, eu pego outros objetivos e começo a jogar, a passar para eles, para quando tiver adiante.

- Você fala no coletivo dos professores, o que você acha que impede que aconteça essa coisa do sentar, do fazer o planejamento juntos, de estar junto todos os dias?

R: Muitos pontos impedem, um é o tempo dos profissionais, nós corremos de uma escola para a outra, a parte financeira impede de se trabalhar em uma escola só. A outra é que os professores não abraçaram os ciclos como deveria ser abraçado. Existe também em todos os lugares nós sabemos que tem a parte política, tanto a política mesmo e a política da gente, ou seja, acha que é assim e não muda. Isto impede esse abraço de trabalharmos juntos.

Se o professor abraçar, “pegar no chifre do boi”, a criança, o dia a dia está ali esperando que se faça alguma coisa e conseqüente.

## Entrevista com a professora orientadora

### Categoria: Identidade

- Escola: Escola Municipal Aurora
- Entrevistada: Fátima
- Idade: 42 anos                      Sexo: Feminino
- Dados sobre sua formação: nível médio Normal ( ) nível Superior (X)
- curso: Pedagogia - concluído (X) não concluído ( )
- Onde e quando se graduou: Na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Macaé – FAFIMA, em 1996.
- Carga horária de trabalho: 40 horas semanais.

### Categoria: currículo

- Como você vê a proposta dos ciclos na rede?

R: Eu vejo a proposta de ciclos na rede como positiva, pois a mesma alcançou avanços educacionais e estatísticos. As mudanças proporcionadas pela proposta, quando bem trabalhadas são capazes de proporcionar bons resultados no nosso ensino.

- O que mudou na Rede Municipal de Ensino, com relação à organização curricular, depois da implantação do Sistema em Ciclos?

R: A organização curricular mudou e melhorou em vários aspectos, possibilitando a aquisição de conhecimentos, com mais prazer por parte dos educandos, facilitando a aprendizagem e buscando sempre o novo.

O tempo mudou positivamente, visto que os alunos possuem a possibilidade de estarem aprendendo a leitura, escrita e demais conteúdos no decorrer de 600 dias.

- Em sua concepção, quais foram os aspectos positivos observados após as alterações feitas em 2001, de retorno ao sistema seriado nas duas últimas séries do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental?

R: As duas últimas séries do Primeiro segmento do Ensino Fundamental obtiveram um bom resultado após a alteração, visto que os alunos chegaram dominando a leitura e a escrita muito bem.

(não considerou os aspectos negativos em sua resposta)

### Categoria: organização das turmas

- No início do ano letivo ao se organizarem as turmas, quais são os critérios usados para esta organização? Você, enquanto professora orientadora tem alguma participação na estruturação das turmas?

R: Os critérios usados para organização da turma é a leitura dos relatórios sínteses do ano anterior. Procuramos agrupar por nível e o professor antes de iniciar o ano letivo realiza uma sondagem, através de um diagnóstico.

- O professor (a) tem alguma participação na estruturação das turmas?

R: Os professores participam da organização, confeccionando a listagem dos alunos e agrupando-os por níveis de aprendizagem proximais.

### **Categoria: avaliação**

- Quais os aspectos considerados com relação ao aluno (a), em seu processo avaliativo? Como este processo se dá?

R: Os aspectos considerados através do processo avaliativo são vários e preocupa-se em respeitar o desenvolvimento de cada aluno e a despertar o mesmo para aquisição da leitura e escrita. O aluno é avaliado no seu dia a dia. O processo se dá gradualmente, sendo realizadas inúmeras anotações e diagnósticos para conhecer e compreender o desenvolvimento escolar do aluno.

- Quais as estratégias usadas junto aos alunos (as) que apresentam “dificuldades” na apropriação dos conhecimentos?

R: Os alunos que apresentam dificuldades recebem apoio pedagógico diferenciado com atividades preparadas especialmente para viabilizar a aquisição dos conhecimentos novos e estimular assim a concepção dos mesmos, sendo oferecidos estudos adicionais semanalmente, com atenção especial do professor.

### **Categoria: formação continuada dos professores**

- Quais os tipos de curso de formação continuada que você faz, esteja fazendo ou fez recentemente?

R: Atualmente a formação continuada é dada através de cursos, apesar de não ter participado de nenhum por estar retornando de licença médica.

- Quais os critérios utilizados para seleção dos cursos?

R: Não ocorrem critérios para escolha de cursos, visto que é oferecido pela Secretaria de Educação.

- Fale um pouco de sua função e de sua atuação em um sistema em ciclos.

R: Atuo há anos no Sistema em ciclos e apesar de encontrar alguns professores que criticam o sistema, eu ainda creio no sucesso do mesmo e por este motivo busco contribuir sempre que necessário. Por saber que mudanças são necessárias na educação e que se a água não correr, os rios jamais poderão continuar seu curso até o mar e assim é na educação, nossos alunos precisam de meios para crescer intelectualmente. Nossos professores necessitam de conscientização sobre o que é melhor e de incentivo para realizar um bom trabalho. Quando o professor orientador não domina o assunto é impossível mostrar os pontos positivos do sistema em ciclos e fica inviável o trabalho pedagógico para o sucesso do mesmo. Tudo é possível realizar quando acreditamos no sucesso que irá proporcionar ao meio escolar. Gosto do que faço e acho importante contagiar o educador que está ao meu lado para realizar o melhor para a escola.

- A entrevista não foi gravada, a professora orientadora preferiu redigir as respostas.

## Entrevista com a diretora da escola

### Categoria: Identidade

Entrevistada: Andressa Fagundes Galvão

- Idade: 35 anos                      Sexo: Feminino
- Tempo na direção: 01 ano e três meses
- Dados sobre sua formação: Nível Superior (X) curso: Serviço Social concluído ( ) não concluído (X)
- Carga horária de trabalho - 40 horas semanais.

Obs: Antes de prestar concurso esteve 04 anos no Município contratada como professora, 03 anos de contrato no Estado e 10 anos na rede particular.

- Antes de falar do ciclo, gostaria de lhe fazer uma pergunta. Você fala desse tempo de experiência na educação, o que te levou a escolher Serviço Social e não alguma coisa na área de educação?

R: Primeiro por particularidades, eu não tenho como sair de Casimiro de Abreu para fazer uma faculdade porque tenho três filhos pequenos e segundo porque a ação social está relacionada ao amor que eu tenho pelas crianças, pelos adultos. Então, ajudar ao próximo é o que eu pretendo.

- Então seria uma forma indireta de fazer educação, é isso?

R: Com certeza.

### Categoria: currículo

- Como você vê a proposta dos ciclos na rede?

R: A proposta do ciclo quando bem estruturada é positiva. Então nós não podemos dizer que o ciclo está pronto, que ele tem dado resultado somente positivo, mas que a gente está em busca dessa positividade. Nós temos alunos que realmente têm deficiências, mas que são poucos, os que não conseguem no primeiro ano do ciclo. Então, a gente tem a capacidade, a vontade de ajudar esse aluno nos outros anos seguintes, não trazendo um trauma para a vida deles reprovando no primeiro ano. Então a gente procura ajudar esses alunos até com tratamento, com ajuda social mesmo.

- O que você considera como proposta bem estruturada? A que você está se referindo?

R: Estou me referindo à estrutura, ao professor enquanto ajudador, que tem que estar consciente do ciclo, também a direção da escola e todo o município. Quando o aluno não consegue, mesmo assim, a gente tem a aula de reforço que é dada em outro horário. Isso pode ajudar o aluno, não a aula que é dada no dia a dia, mas a aula com jogos, brincadeiras, que levam o aluno a aprender de uma outra forma.

- Isso é feito com o próprio professor da turma? De que forma isso se organiza?

R: É feito com o próprio professor da turma que tem um horário a cumprir, duas horas semanais. Então, tem um horário a gente manda para casa e o pai aceita ou não, mas a maioria é assim.

- Vocês já pararam para avaliar se essa dinâmica tem bom resultado com as crianças?

R: Tem, na maioria das vezes a gente consegue, porque quando a criança é assim ela depende desse reforço. O professor precisa estar mais perto só dessa criança, então é uma recuperação para esse aluno. Tem criança que só aprende com a gente do lado. Então, é um momento que o professor pode estar com ele.

- Então seria um atendimento mais individualizado?

R: Com certeza.

- O que mudou na Rede Municipal de Casimiro com relação à organização curricular, depois da implantação do ciclo? Houve alguma alteração no currículo ou permaneceu o mesmo?

R: Eu não peguei a anterior, mas pelo que eu pesquiso, nós passamos a ter a ementa. Na ementa é distribuída toda a matéria que a criança estuda durante o ano e que tem dado bem resultado e quando é necessário, nós implantamos as observações na própria ementa.

- As observações são por aluno?

R: Por aluno, aquilo que precisa e que é necessário para o aluno.

- Seria um acréscimo de conteúdos?

R: De conteúdos e observações individuais.

- Em sua concepção, quais foram os aspectos positivos observados após as alterações feitas em 2001, de retorno ao sistema seriado, nas duas últimas séries do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental?

R: Nós temos a chance, um incentivo para a criança poder aprender melhor. Esse não é nosso objetivo, nosso objetivo é que ele aprenda no primeiro ano, por isso a gente sempre esta direcionando o professor para estar fazendo isto, mas nós sabemos que existem pessoas, cada um no seu ritmo. Então, se a criança tem uma dificuldade ela pode estar aprendendo no outro ano, para ela não ter um bloqueio com a palavra reprovação. Então... a criança, assim... O aspecto positivo é que a criança tem 600 dias para aprender a ler e escrever perfeitamente.

- Em sua concepção, quais foram os aspectos negativos observados após as alterações feitas em 2001 de retorno ao sistema seriado nas duas últimas séries do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental?

R: Não vejo aspectos negativos ainda. Eu tenho pouco tempo no Município, mas não vejo pontos negativos, apesar de estarmos precisando aprimorar os professores, isso é um ponto negativo. Eu acho que os professores precisam de uma ajuda maior para estarem incentivando o ciclo.

### **Categoria Formação Continuada**

- Vou antecipar um pouco a questão da formação continuada, já que você fala que os professores precisam de um preparo, de uma ajuda maior. O que você acha que eles precisariam em termos de preparo, de auxílio?

R: Os professores precisam de cursos que os levem a enxergar o que é bom. Alguns professores, principalmente os mais antigos, têm uma resistência ao ciclo, mas são cursos, precisamos de cursos.

- Que tipos de cursos, especificamente?

R: Cursos explicando o objetivo do ciclo.

- Quais são os critérios para a formação continuada?

R: Os cursos são dados pela SEMED, nós recebemos alguns tipos de cursos por escrito, a gente lê e entende que é o ciclo e algumas oficinas.

- No caso do gestor, existe algum tipo de curso ou de oficina específico para vocês, gestores?

R: Nós temos os dinamizadores que visitam a escola e nos auxiliam sobre o ciclo.

- Então seria um auxílio cotidiano para a escola?

R: Com certeza.

### **Categoria: Organização das turmas**

- No início do ano letivo ao se organizarem as turmas, quais são os critérios que a secretaria encaminha para as escolas, acerca desta organização?

R: Entrei nessa escola dia 29 de janeiro e já encontrei as turmas organizadas pela diretora anterior, então, eu não tive ainda experiência enquanto formar turma. Pretendo para o próximo ano dar continuidade as turmas que já estão observando os alunos e o que é necessário.

- Dentro do que viveu nesse ano você percebeu aspectos nessa organização que faria diferente ou que repetiria?

R: Foi trabalhado o aspecto, acredito eu, de heterogeneidade e assim eu pretendo continuar. Eu sempre trabalhei na escola particular com um aluno ajudando o outro e isso dá muito certo, então, eu não gosto de separar aluno de acordo com o que ele consegue, mas sim de misturar para que um possa ajudar o outro.

- Nessa organização das turmas os professores (a) participam de alguma forma na hora da estruturação?

R: Com certeza, ninguém melhor para dizer quem é seu aluno, então eu espero contar com a ajuda dos professores para a gente estar formando as turmas.

### **Categoria: Avaliação**

- Quais os aspectos considerados com relação ao aluno (a), em seu processo avaliativo? Como esse processo se dá?

R: O aluno é avaliado no seu dia a dia, o que ele faz, o trabalho, a escrita, a leitura, isso é cobrado diariamente e não no final do mês na avaliação, no final do bimestre na avaliação. Eu acredito que o aluno é aquilo que ele é no seu dia a dia.

A ementa, ela não é observada só no final do ano, pelo professor, ela é observada a cada quinze dias, no mês, então, o professor está observando o aluno através da ementa, diariamente.

- Quais as estratégias usadas pelos professores (as), junto aos alunos que apresentam “dificuldades” na apropriação dos conhecimentos?

R: Nós trabalhamos com os alunos de acordo com suas dificuldades, cada aluno recebe do professor essa ajuda. Então, nós temos aula de reforço, aula de recreação que também é trabalhada a matéria, de uma outra forma, nós temos vídeos, dessas formas.

- Fale um pouco de sua experiência como gestora.

R: Para mim está sendo muito positivo, por que eu pude passar durante esses dez anos por algumas decepções até mesmo para mim, muitas vezes eu chorei junto com pai de aluno, tendo que falar ao responsável que seu filho tinha ficado retido naquela série e isso sempre foi muito frustrante. E aqui a gente tem a facilidade de dar ao aluno a chance de aprender no outro ano. O que eu falo sempre, a criança pode dar um estalo de um dia para o outro e aprender, agora se eu coloquei para a criança que ela vai ficando reprovada eu estou dizendo para ela que não tem mais jeito, então eu sempre procuro... E estou gostando muito por dar esta oportunidade à criança de estar aprendendo no outro ano.

- Então, fechando, eu vou deixar um espaço para você falar daquilo que acha que ficou faltando e do seu trabalho como gestora em um sistema em ciclos.

R: Eu quero parabenizar o Município por estar tendo esta ação com as crianças, esse cuidado, porque é realmente uma forma de dizer: Olha pai ele não aprendeu tudo neste ano, mas no próximo ano ele vai aprender. Então, eu quero parabenizar o Município por todo o ciclo e pedir para que eles possam nos ajudar mais um pouquinho, para que a gente possa ajudar mais ainda as nossas crianças.

## Entrevista a Diretora do Departamento de Ensino

### Categoria: Identidade

- Entrevistada: Nícia Maria Barreto de Oliveira Araújo
- Idade: 34 anos                      Sexo: Feminino
- Tempo na direção do departamento: 04 anos
- Dados sobre sua formação: Nível Superior (X)
- curso: Pedagogia Concluído (X) não concluído ( ) e Pós graduação em gestão escolar

### Categoria: currículo

- Como você vê a proposta dos ciclos na rede?  
O ciclo tem sido uma tentativa ainda no Município. Porque quando iniciamos em 2001 fizemos um comparativo entre o que se tinha e o que se estava pretendendo, eu entrei logo depois que a pesquisa tinha sido feita, eu estava inclusive na escola. A gente achava que era um período muito grande, os dois períodos de ciclo, então a gente resolveu diminuir esse tempo, até com a aceitação maior da escola. Nós reduzimos essa parte do ciclo passando para 03 anos. Elaboramos o projeto de ciclo básico de alfabetização que tem o primeiro ano, o segundo ano e o terceiro ano e depois a seriação e o que nós fizemos em nível de proposta curricular? Nós preparamos uma ementa que seriam os conteúdos básicos a serem trabalhados dentro desses três anos. A nossa intenção não é que seja trabalhado cada ano, por que a gente tem três blocos dentro dessa proposta, mas que seja dentro dos três anos, que é uma dificuldade que ainda temos de entendimento, dentro do preenchimento dessa ementa. A gente pede que seja uma coisa, não tem um tempo, não seja bimestral, por que não é uma avaliação de bimestre, é uma coisa anual, só que a gente ainda percebe que as escolas não têm este entendimento que este preenchimento é de acordo com o tempo do aluno, de acordo com o que ele vai avançando você vai preenchendo, você vai analisando o que ele conseguiu avançar. Até a gente dá como dica para os professores de terem um caderno de anotação, de fazerem um registro diário daquele aluno, para que eles tenham condições de elaborar ao final este material e a gente percebe que isto está um pouco falho ainda nesse sentido e mediante a essa ementa escolar a escola tem autonomia de preparar a sua proposta curricular. Ela pode acrescentar, ela não pode eliminar porque a gente entende aqui os conteúdos mínimos a serem trabalhados, então ela pode acrescentar algo mais dentro dessa proposta aqui.

- Certo, então você até falou uma questão interessante com relação ao tempo, dentro da proposta do ciclo há idéia de alteração do tempo escolar, é isso?

R: Isso, a gente entende que respeitando o tempo do aluno, mas não aquele tempo de que o professor deixa que o aluno, ah! ele ainda não alcançou ainda porque ele não está no tempo tal. Às vezes, a gente percebe que turmas conseguem ser alfabetizadas em um ano, é um processo, a gente dilatou um pouco esse tempo para três anos, um período de alfabetização maior, mas de alfabetização e letramento e não é só para o professor ficar esperando aquele tempo do aluno, é dar oportunidade para que ele consiga fechar um período, o que ele não conseguiu fechar em apenas um ano. Por que o que a gente percebe também é que às vezes o

professor do primeiro ano é muito mais fácil por que ele sabe que ele tem que dar conta do aluno ler e escrever. No segundo e no terceiro, principalmente no terceiro ele tem uma dificuldade, e agora o que faço? O aluno já sabe ler e escrever e agora o que faço com ele? E aquele que não conseguiu o que eu faço com ele? Então ainda tem essas interrogações que não foram respondidas ainda e que o professor não consegue na prática, mas a nossa intenção é essa mesma, dilatar um pouco o tempo de aprendizagem, não esperar o que o aluno tem para oferecer, mas instigar o aluno a algo mais, estar sempre buscando nele.

- O que mudou na rede municipal de Casimiro com relação à organização curricular, depois da implantação do ciclo? Houve alguma alteração no currículo ou permaneceu o mesmo?

R: Foi o que eu lhe disse, a gente não fez nenhuma alteração escrita assim, até por que o nosso regimento, ele está previsto de uma forma e nós estamos trabalhando, a gente esta reformulando o regimento. A primeira mudança que fizemos e é a que permanece é a questão da ementa, os conteúdos mínimos a serem trabalhados e cada escola tem autonomia de preparar a sua proposta curricular dentro do ciclo e também na parte seriada.

- Você pode conceituar a questão da ementa e o significado desse documento?

R: Esse documento é, na verdade... O meu primeiro trabalho na secretaria foi participar da elaboração desse documento, que não se tinha... Eu tinha uma experiência na escola particular e não se tinha nada direcionado do que deveria ser trabalhado dentro de cada disciplina, mesmo sendo uma proposta de ciclo, uma proposta integrada, mas o que se consideraria pertinente na área de português, na área de matemática, então a gente começou a elaborar o que a gente consideraria interessante para que o aluno fechasse aquele momento, aquele ciclo, aquele período e seriam as questões mínimas, os conteúdos mínimos, as habilidades mínimas que aquele aluno teria dentro dessa proposta. Então a ementa é isso, a gente vê dessa forma.

- Em sua concepção, quais foram os aspectos positivos observados após as alterações feitas em 2001, de retorno ao sistema seriado nas duas últimas séries do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental? (a diretora respondeu com relação aos pontos positivos do ciclo e não com relação às alterações feitas)

R: A gente organiza o tempo escolar de forma mais adequada, respeitando mais as características dos alunos. Com o fim da questão das notas, a questão da interação entre as crianças melhorou, é até uma questão de companheirismo. Eu acho que a questão da heterogeneidade dentro da sala contribui muito, se o professor conseguir trabalhar com os níveis dentro da sala aquele que está um pouco mais avançado contribui com aquele que não está. Montar grupos de trabalho dentro da sala faz com que haja uma interação maior e assim... Não é uma disputa, e sim uma questão mais coletiva, uma interação maior.

A questão do número de alunos, da retenção desse número de alunos, não há uma retenção muito grande, que antes se o aluno não conseguia se alfabetizar em um ano apenas ele logo era retido, não tinha uma possibilidade maior de assimilação de conteúdos, enfim, uma oportunidade maior mesmo dele ser alfabetizado. Garante que eles permaneçam mais tempo na escola, essa é uma questão indiscutível, porque ele percebe que está conseguindo, nosso problema maior hoje, eu estou falando das questões positivas, mas hoje nossa preocupação está mais no CBA terceiro ano, saindo do primeiro e indo para o terceiro há uma

retenção ainda, por que é aonde ele pode ser retido, então, ele tem ficado, é uma preocupação. Eu acho que desenvolve melhor, além de respeitar o ritmo de aprendizagem do aluno, há um desenvolvimento integral do aluno tanto cognitivo, afetivo, social, enfim, eu acho que esses seriam os pontos positivos que a gente pode salientar dos ciclos.

- Em sua concepção, quais foram os aspectos negativos observados após as alterações feitas em 2001, de retorno ao sistema seriado nas duas últimas séries do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental? (a diretora respondeu com relação aos pontos negativos do ciclo e não com relação às alterações feitas)

R: Falta de entendimento do grupo inteiro, eu não culpo só o professor nesse sentido, isso envolve a direção da escola, os professores, a comunidade, muitas das vezes os pais não entendem qual é a proposta, eles cobram da escola algo escrito no caderno, eles cobram o porquê dos alunos não estarem lendo, eles cobram ainda aquela leitura de sistema tradicional, de juntar uma letra com a outra, então, há essa dificuldade do entendimento. A questão de a escola ter ficado com a responsabilidade total desses alunos, tanto na questão da aprendizagem, como também na questão social, que a escola tem que dar conta, se o aluno está com algum problema, se ele está doente, os pais deixam um pouco isso e isso afeta na aprendizagem do aluno. A gente tem percebido isso com muita frequência. A gente tem que ter uma equipe multidisciplinar para estar contribuindo e isso seria até um ponto positivo que no momento a gente não tem que contribuiria muito com o processo do ciclo. Acho que negativo que a gente ainda tem é a associação da promoção automática e não uma progressão continuada. Ele acha que está aprovando aquele aluno automaticamente, a gente vê isso direto no discurso do professor. Ele não consegue entender ainda a progressão continuada, e a interação desses profissionais que trabalham dentro do ciclo, de não ter um culpado, não concluiu aquele trabalho, mas tem o outro ano pra ele concluir e o comprometimento disso. Eu tenho que ter o comprometimento em dar uma seqüência e muitas das vezes o professor pega aquela turma e fica questionando o que não foi feito. Não tem a idéia de que tem que ter uma continuação, se detectou um problema, o que vai ser feito para solucionar para que ele consiga ter uma progressão aí?

### **Categoria: organização das turmas**

- No início do ano letivo ao se organizarem as turmas, quais são os critérios que a secretaria encaminha para as escolas para esta organização?

R: A princípio, no início a gente ainda não tem... Os alunos que permanecem na escola temos conhecimento de quem eles são e como eles são, os alunos novos a gente não tem o conhecimento, aí a gente tem duas estratégias, a primeira: os alunos que são novos na escola vão ter um período de adaptação e após este período vai ser aplicado um diagnóstico para saber em que nível de escrita e leitura ele está e pra ver em que momento ele vai estar se adequando. O aluno que permanecem a gente também indica a formação de turmas de acordo com os níveis de escrita e de leitura, sabendo que no primeiro momento estes alunos vão estar meio que homogêneos, digamos assim, mas com o passar de tempo, de um mês, este quadro muda, essa situação muda e há uma mudança de níveis muito

grande dentro da própria sala e que às vezes é difícil para entendimento do professor, e ele quer que a gente retorne de novo, então vamos mesclar de novo. Nós até fizemos uma tentativa, de estar sempre colocando, aquele grupo que avançou. Então, eu vou juntar com o outro grupo que já avançou que está silábico alfabético, por exemplo, vou juntar pra caminhar, só que estava ficando uma loucura, e percebíamos que o grupo quanto mais heterogêneo, é uma percepção ainda muito nossa, enquanto secretaria quanto mais heterogêneo maior é a contribuição pra assimilação e a formação de novos grupos. Até a formação dos grupos na sala de aula, aquele que está com um nível mais avançado, ajuda ao outro que ainda está começando, é só você saber elaborar atividades e propostas para que eles integrem-se e um aluno ajude ao outro.

- Vocês fizeram a tentativa de reagrupamento durante o ano letivo? Foi em todas as escolas ou uma experiência particular?

R: Não, nós não fizemos em todas as escolas. Fizemos em uma escola o reagrupamento durante o ano, que foi até semestral, 06 meses permanece o mesmo grupo, com este diagnóstico no início e no segundo semestre, na virada do semestre um novo diagnóstico para estar apontando esse novo grupo, só que isso não deu muito certo, na visão que a escola passou e que a escola teve, por que ficou sendo considerada turma forte e turma fraca, então a gente viu que a proposta não tinha sido bem assimilada e voltamos a estaca zero, permanece o mesmo grupo até o final do aluno.

- Nessa organização das turmas os professores (a) participam de alguma forma ou não na hora dessa estruturação?

R: Eles participam, por que eles é que indicam através do diagnóstico, que melhor grupo vai ficar, após o diagnóstico há uma organização. Eles participam diretamente dessa formação de grupo.

### **Categoria: avaliação**

- Quais os aspectos considerados com relação ao aluno (a), em seu processo avaliativo, no sentido de orientação para as escolas? E como esse processo se dá?

R: Como é uma questão de ciclos a gente não leva muito em consideração a questão quantitativa e sim a qualitativa, a gente está sempre buscando o que... Não vendo os pontos negativos que aquele aluno não alcançou, sempre vendo o que ele já alcançou. Por isso a gente acha muito legal a questão da ementa, por que ali você vai ter um diagnóstico real do aluno do que ele já conseguiu. Quanto mais você preenche aquela ementa é sinal de que maior sucesso você teve no trabalho, de que aquele aluno está correspondendo, ele está conseguindo evoluir e também é uma forma de sinalizar o que eu preciso fazer ainda com meu aluno, a gente considera não só a questão dos conteúdos, a participação, às vezes até o professor no conselho de classe, eles sentam e num consenso tentam avaliar e analisar cada aluno, por exemplo, ah! Esse aluno como é que chegou para mim no início do ano. Quais eram os aspectos que ele tinha alcançado? O quanto ele evoluiu? Às vezes ele ainda não está tão preparado quanto os outros alunos que estavam naquela mesma turma, mas do jeito que ele chegou e o que ele conseguiu avançar, vale a pena investir naquele aluno, principalmente no CBA terceiro ano, que é

onde ele pode ser retido por conteúdo, não a questão da falta que ele pode ser retido nos três momentos, mas ele é analisado, como ele fechou esta etapa, como ele chegou e como está saindo, a cada ano como que ele vem correspondendo? E isso quando há uma avaliação de professor que normalmente há, contribui muito para essa riqueza de informação e normalmente o grupo, às vezes, permanece o mesmo na escola, então, há uma conversa e interação entre as pessoas.

- Quais as estratégias usadas pela junto às escolas aos alunos (as) que apresentam “dificuldades” na apropriação dos conhecimentos?

R: Na verdade é um trabalho em conjunto, a gente tem as divisões dentro dos departamentos e aí se aquele aluno apresenta algum problema e eu não consigo, por que às vezes também é apenas alguma dificuldade, hoje está muito comum, dificuldade de aprendizagem, dificuldade de aprender, e às vezes a gente percebe que não é nem a dificuldade do aluno em aprender determinado conteúdo em alguma etapa, é a dificuldade do professor transmitir aquele conteúdo de uma forma diferenciada, então o primeiro ponto é isso, uma orientação direta dos dinamizadores do que poderia ser diferente. Você já tentou por esse caminho, por aquele, não deu certo, então você tem que fazer mais uma nova tentativa e se a partir daí, não consegue, não avança nada, aí há uma indicação já para uma outra divisão aqui dentro do departamento mesmo. É uma investigação desse aluno, através da psicóloga, vai ser feito um encaminhamento de... Mais específico, um atendimento mais técnico para cada aluno, a nossa orientação a princípio e essa. Primeiro uma orientação direta da secretaria junto à escola, de analisar o problema e buscar a solução, e percebendo que de fato não conseguimos êxito em nada, aí sim a gente passa para um diagnóstico mais técnico, para ver se apresenta algum problema que está comprometendo.

- Eu gostaria de pedir que especificasse o trabalho da dinamizadora que você citou e falasse também do trabalho da psicóloga, como é que está sendo feito hoje?

R: O trabalho da dinamizadora, nós temos uma de educação infantil e uma de ensino fundamental primeiro segmento, ela atua diretamente na escola, basicamente uma vez por semana em cada escola, direto com o professor orientador (PO) daquela escola, diagnosticando os problemas das turmas e contribuindo de alguma forma com o trabalho pedagógico daquela escola, é um trabalho mais direto. Também há um acompanhamento direto com os professores, de intervenção, de auxílio, enfim, de ajuda mesmo no processo. A Psicóloga... Hoje nós não estamos com a equipe multidisciplinar funcionando, desde o ano passado nós estamos apenas com uma psicóloga, uma entra de licença, retorna outra, a partir do segundo semestre de 2007 nós atrelamos à psicóloga a divisão de educação especial, por que hoje os alunos considerados com dificuldades de aprendizagem, são também considerados de alguma forma, alunos com necessidades educacionais especiais. Então, a psicóloga está fazendo um trabalho de triagem junto com a equipe de educação especial, que também possui... Além da psicóloga, a chefe da divisão e mais duas dinamizadoras que fazem as visitas e as intervenções, assim como a dinamizadora de educação infantil e do ensino fundamental, ela também faz a intervenção e consegue fazer uma triagem junto à psicóloga, ela é que vai primeiro lá na escola, depois que a gente encaminhou e viu que não tem mais jeito, que todas as interferências não deram certo, então vai à dinamizadora de educação especial. Ela vai, olha o caso, faz a interferência e

também não surtiu efeito daí ela passa para a psicóloga que faz uma triagem para saber se é com ela ou com outro profissional e como a gente não tem a equipe multidisciplinar, este ano à gente conseguiu uma parceria muito legal com a saúde que a gente tem conseguido encaminhar esses alunos para os técnicos, neuro, psiquiatra, enfim, de acordo com a necessidade do aluno.

### **Categoria: formação continuada dos professores**

- No início da conversa você falou que o departamento não cuida diretamente da formação continuada, tem um outro departamento, então, eu vou pedir que você fale apenas de uma questão que é mais geral. Quais os critérios utilizados para seleção dos cursos de formação continuada dos professores junto a este departamento?

R: A nossa participação é bastante intensiva junto ao outro departamento, até por que a gente, na maioria das vezes é que sinaliza o que o professor está precisando. Como temos um dinamizador direto na escola, a gente tem um contato e um convívio muito grande, então a gente consegue perceber o que está precisando naquele momento. É claro que às vezes não conseguimos tudo o que gostaríamos. No ano de 2008, por exemplo, a gente precisa de uma proposta mais intensificada de capacitação em relação ao ciclo, como a gente até conversou, uma coisa mais prática mesmo, de entendimento maior aos professores. Sempre há integração entre um departamento com o outro e a gente está sempre sinalizando o que percebemos. Muitas vezes estamos participando mesmo das capacitações, não só trazendo gente de fora para estar falando sobre o assunto, mas da gente, assim, internamente, também estar dizendo: a proposta não está sendo entendida, e assim, de estar fazendo na prática, de dar sugestões. Nós temos também uma equipe que faz isso dentro da própria secretaria, quando a gente percebe que há essa dificuldade. É uma integração muito boa estarmos sinalizando para o departamento que oferece as capacitações, de sinalizar para ele o que estamos necessitando na rede naquele momento.

- Então, fechando, eu vou deixar um espaço para você falar daquilo que acha que ficou faltando e do seu trabalho como gestora em um sistema em ciclos.

R: É um grande desafio, primeiro por que quando eu vim para secretaria era uma proposta e uma proposta que eu me identificava bastante, um trabalho, e depois às coisas tomaram um novo rumo, e aí à gente foi absorvendo outros trabalhos, e é um desafio muito grande com questões que angustiam e que deixam a gente sem dormir. Acho que seu trabalho vai contribuir muito conosco, por que vai sinalizar de uma escola, de uma turma, mas vai sinalizar como que está o ciclo. Às vezes a gente percebe que tem os acertos, que tem erros tentando melhorar, mas ainda há muita falha e às vezes uma pessoa que está fazendo uma pesquisa mais a fundo... Às vezes, a gente também não tem tempo para estar fazendo essa análise tão detalhada. Na pesquisa consegue-se perceber detalhes que com pequenos ajustes a gente pode fazer com que a coisa flua mais. O que eu tenho a dizer é que é um grande desafio, que a gente ainda tem pela frente de tentar melhorar a proposta do ciclo. É uma proposta que a gente acredita e do jeito que ela vem sendo feita, precisa de alterações, mas é uma proposta que a gente acredita e que acha que pode dar muito certo.

**ANEXO 2**  
**DOCUMENTOS**

PROJETO  
CICLO BASICO DE ALFABETIZAÇÃO

INTRODUÇÃO

JUSTIFICATIVA

OBJETIVOS

FUNDAMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E ABORDAGEM METODOLÓGICA

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

RECURSOS DIDÁTICOS E HUMANOS

AVALIAÇÃO

## PROJETO CICLO BASICO DE ALFABETIZAÇÃO

### INTRODUÇÃO

A significativa parcela de alunos que apresentam defasagem de idade em relação à série em que estão matriculados, mostra que a repetência e suas causas constituem um problema inadiável, a ser enfrentado pelas escolas e pela administração do sistema de ensino.

É difícil falar de alfabetização evitando as posturas dominantes neste campo: por um lado o discurso oficial e, por outro, o discurso meramente ideologizante, que chamamos "discurso de denúncia". O discurso oficial centra-se nas estatísticas; o outro despreza essas cifras tratando de desvelar a fase oculta da alfabetização". Com o intuito de retirar os véus que encobrem a realidade, o município de Casimiro de Abreu, propõe a criação do C.B.A. (Ciclo Básico de Alfabetização) procurando resgatar a defasagem existente na passagem da alfabetização para a 1ª série desenvolvendo o processo de letramento no Ciclo Básico de Alfabetização.

Precisamos desenvolver a nossa consciência crítica e política assumindo o papel enquanto educadores, buscando estratégias de ensino que viabilizem a concretização desses pontos. Para tanto realizaremos o processo de atualização da prática pedagógica, buscando uma educação de qualidade.

## OBJETIVOS

A seriação inicial deu lugar ao Ciclo Básico de Alfabetização com a duração de 3 (três) anos, tendo como objetivo propiciar maiores oportunidades de escolarização voltada para a alfabetização efetiva dos alunos.

A opção de organização da escolaridade em Ciclo Básico de Alfabetização (C.B.A) é unir tentativa de superar a segmentação excessiva produzida pelo regime seriado nos primeiros anos de escolaridade e de buscar princípios de ordenação que possibilitem maior integração do conhecimento.

A proposta do Ciclo Básico de Alfabetização permite compensar a pressão do tempo que é inerente a instituição escolar, tornando possível distribuir os conteúdos de forma mais adequada a natureza do processo de aprendizagem.

### JUSTIFICATIVA

O Ciclo Básico de Alfabetização com duração de 3 (três) anos, propicia maiores oportunidades de escolarização voltada para a alfabetização efetiva das crianças considerando que cada criança apresenta ritmos diferentes de aprendizagem necessitando de oportunidades diferenciadas, oferecidos por uma metodologia rica que proporcione a construção e reconstrução do saber respeitando as diferenças individuais.

Portanto, justifica-se o C.B.A. (Ciclo Básico de Alfabetização) como uma proposta que mais que pedagógica e ética é humana.

## FUNDAMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E ABORDAGEM METODOLÓGICA

Na escola, concentram-se muitas das expectativas de vivência do cidadão. Repensar a escola pressupõe o redimensionamento de sua filosofia educacional conseqüentemente, a sua metodologia, que deve fazer da crença na capacidade humana para aprender e do desenvolvimento da auto estima do aluno suas máximas.

Um trabalho de investigação que desencadeou mudanças na maneira de os educadores brasileiros compreenderem a alfabetização foi coordenado por Emília Ferreiro e Ana Teberosky com os estudos da psicogênese da língua escrita. A partir dessa investigação reuniu-se as concepções nas quais se apoiava a alfabetização produzindo transformações profundas nas práticas pedagógicas.

O Ciclo Básico de Alfabetização do município de Casimiro de Abreu tem como pilares as concepções teórico-construtivistas, sócio-interacionistas fundamentadas nas teorias de Piaget, Vygostky, Wallon e Emília Ferreiro.

Sabemos que na construção do conhecimento pelo indivíduo estão presentes aspectos internos e externos a ele, e que é no âmbito dessas estruturas que o sujeito constrói o conhecimento e portanto aprende.

Sabedores que somos da interferência do comportamento emocional na aprendizagem, as teorias sobre inteligência emocional darão suporte ao projeto, por acreditarmos que é possível construir uma escola mais justa, trabalhar por um jovem mais completo, modelar o amanhecer de uma autêntica esperança.

## CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Os conteúdos programáticos da proposta de Ciclo Básico de Alfabetização estão em consonância com os Parâmetros Curriculares propostos pelo MEC e foram organizados por áreas de ensino e por habilidades.

Os conteúdos e o tratamento que a eles deve ser dado assumem papel central, uma vez que é por meio deles que os propósitos da escola são operacionalizados, ou seja, manifestados em ações pedagógicas.

A noção de conteúdo escolar se amplia para além de fatos e conceitos, passando a incluir procedimentos, valores, normas e atitudes. Ao tomar como objeto de aprendizagem escolar conteúdos de diferentes naturezas reafirma-se a responsabilidade da escola como formação ampla do aluno e a necessidade de intervenções conscientes e planejadas nessa direção.

## AVALIAÇÃO

A proposta de avaliação está voltada para uma avaliação contínua e cumulativa, a prevalência da análise dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos do desempenho do aluno.

A nova lei pouco altera o texto da Lei 5692 no que se refere aos aspectos acima referidos que tantas inquietudes vêm causando a professores e escolas, em termos de cumprimento de tais determinações. A lei anterior, dentre outros aspectos, já se referia a uma avaliação formativa e à prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, e a análise do desempenho global da criança através do acompanhamento contínuo, aspectos esses que parecem surpreender algumas escolas. O fato, sem dúvida, é que a nova LDB causa inquietação em relação à avaliação devido ao seu caráter de acompanhamento contínuo, e porque tais pressupostos nunca foram compreendidos ou seguidos pela grande maioria dos professores desde a antiga lei.

No Ciclo Básico de Alfabetização (CBA) a avaliação se dá mediante ao acompanhamento contínuo e registro de desenvolvimento do aluno, sendo constante e sistemática. Os resultados estarão expressos em forma de ementa (bloco único para os três anos de CBA) com relatório anual.

## RECURSOS DIDÁTICOS E HUMANOS

Os alunos constroem significados a partir de múltiplas e complexas interações. Cada aluno é sujeito de seu processo de aprendizagem, enquanto o professor é o mediador na interação com os objetos de conhecimento, o processo de aprendizagem compreende também a interação dos alunos entre si, essencial a socialização. Assim sendo, as orientações didáticas enfocam fundamentalmente a intervenção do professor na criação de situações de aprendizagem coerentes com essa concepção.

O ensino não pode estar limitado ao estabelecimento de um padrão de intervenção homogêneo e idêntico para todos os alunos. A prática educativa é bastante complexa, pois o contexto de sala de aula traz questões de ordem afetiva, emocional, cognitiva, física e de relação pessoal.

Investir no desenvolvimento profissional dos professores é também intervir em suas reais condições de trabalho.

Além de uma formação inicial consistente, é preciso considerar um investimento educativo contínuo e sistemático para que o professor se desenvolva como profissional de educação.

Por isso, a SEMED juntamente com o Departamento de Ensino propõe um acompanhamento mensal junto aos P.O.s e professores do C.B.A. distribuindo materiais dirigidos aos professores como um modo de veicular uma proposta pedagógica e de fazê-los chegar informação atualizada que os ajudem a pensar criticamente, sua própria prática profissional.

Esses materiais são úteis na medida em que se evite a visão "receita culinária" (isto é, use os ingredientes em tal ordem e obterá um resultado comestível). Essas receitas existem em abundância e só contribuem para desprofissionalizar o professor, que delega a elas a responsabilidade do resultado obtido, o professor pode trocar de receitas, seguindo as modas ou correntes de opinião que por acaso encontre, sem poder distinguir o que elas oferecem de novo (e que, frequentemente, não consiste senão em apresentar com aparência moderna as mais tradicionais idéias sobre o assunto).

## APRESENTAÇÃO

Seguindo os passos da Educação Nacional o município de Casimiro de Abreu tem estruturado seu sistema educacional, buscando atingir não só os objetivos que regem a educação a nível de país mas, essencialmente, construindo um sistema voltado para suas especificidades. Nossos passos são dados fundamentados numa prática cotidiana onde a escola constrói uma pedagogia liberta das amarras conceituais que colocam enfileirados docentes e discentes, seguindo um "algo" . Ao contrário nossa prática revista e avaliada floresce em construções sólidas que revelam-se na formação dos cidadãos casimirenses.

Às vezes, pode parecer tão simples e "lugar comum" nossa prática que acreditamos não termos alcançado aquilo que encontramos nas grandes publicações ou no marketing de outros. Mas este mito, historicamente colocado para ser o guardião do re-nascer do PROFESSOR, cai em nosso sistema, quando concretizamos nossa proposta pedagógica não como um documento, à serviço da burocracia e sim com um registro daquilo que pode ser visto em qualquer unidade escolar deste sistema.

Eis o que temos aqui...

## I Pressupostos Filosóficos e Metodológicos

*Concepções da Escola Construtivista Sócio-Interacionista*

*Filosofia e Educação:*

*Elucidações Conceituais*

A Educação é uma prática humana direcionada por uma determinada concepção teórica. A prática pedagógica está articulada com uma pedagogia que nada mais é que uma concepção filosófica da Educação. Tal concepção ordena os elementos que direcionam a prática educacional.

A filosofia sistematiza as aspirações dos seres humanos, aspirações essas que dão sentido ao dia-a-dia, à luta, ao trabalho, à ação. Ninguém vive o dia-a-dia sem um sentido; para seu trabalho, para a sua relação com as pessoas, para o amor, para a amizade, para a ciência, para a educação para a política.

*Filosofia e Educação*

A Educação é um tipo de atividade que se caracteriza fundamentalmente por uma preocupação por uma finalidade a ser atingida. A Educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social. Assim sendo ela precisa de pressupostos, de conceitos que fundamentem e orientem os seus caminhos. A sociedade dentro da qual ela está deve possuir alguns valores norteadores de sua prática.

Não é, nem pode ser a prática educacional que estabelece os seus fins. Quem o faz é a reflexão filosófica sobre a Educação dentro de uma dada sociedade.

As relações entre Educação e Filosofia parecem ser quase "naturais". Enquanto a Educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e

das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade.

A Filosofia fornece à Educação uma reflexão sobre a sociedade na qual está situada, sobre o educando, o educador e para onde esses elementos podem caminhar.

Nas relações entre Filosofia e Educação só existem realmente duas opções: ou se pensa e se reflete sobre o que se faz e assim se realiza uma ação educativa consciente; ou não se reflete criticamente e se executa uma ação pedagógica a partir de uma concepção mais ou menos obscura e opaca existente na cultura vivida do dia-a-dia e assim se realiza uma ação educativa com baixo nível de consciência.

#### *Proposta Filosófica e Metodológica*

Ao propor os fundamentos do Construtivismo Socio-interacionismo como linha teórica da Secretaria Municipal de Educação, colocamos à disposição dos educadores uma proposta educativa moderna e consciente, que desloca o centro de atenções do professor (transmissor de informações) para o aluno (construtor de seu conhecimento), em busca de uma nova interpretação do mundo físico e social.

Nesta época de profundas e aceleradas transformações, a Escola não pode ficar alheia às mudanças que ocorrem na sociedade e que afetam profundamente o modo de ser, de pensar, de sentir e de agir das pessoas.

Considerando que hoje existe a consciência de que o trabalho pedagógico deve ser realizado no equilíbrio e na harmonia do desenvolvimento de cada ser humano, e que a rapidez das mudanças da sociedade brasileira interferem na formação de valores das crianças e adolescentes, torna-se necessário e urgente que os profissionais da Educação repensem a prática pedagógica e conheçam novos caminhos que permeiem e oportunizem o aguçar do senso crítico, a criatividade e a expressividade dos educandos, para que atuem no mundo em que vivem com sabedoria e justiça e, assim, transformem o hoje e o amanhã em dias cada vez melhores.

A partir desta concepção, as dimensões teóricas construtivistas/interacionistas são apresentadas como norteadoras de práticas pedagógicas que permitem ao aluno ser sujeito de sua própria aprendizagem, atuando de modo inteligente em busca da compreensão do mundo que o rodeia, criando e coordenando relações entre acontecimentos e objetos nos quais interage.

Efetivamente, descobrir e criar por si mesmo novas relações entre objetos e fatos, buscando explicitá-los, faz com que o aluno realize sucessivas equilíbrazões que conduzem à construção de outras estruturas.

#### *Perspectivas Pedagógicas de uma Nova Prática*

Partindo do pressuposto que muitos educadores pretendem, de fato, comprometer-se com a prática educativa, assumindo uma nova postura frente à Educação, faz-se necessário, primeiramente, que eles compreendam que as abordagens construtivistas referem-se, fundamentalmente, ao aluno, sendo ele o centro de seu próprio percurso em direção ao conhecimento, e que seu desenvolvimento cognitivo e emocional se dá na relação e interação entre o sujeito e o objeto, ou seja, na interação dele com o ambiente e com as demais pessoas na interação social. Para os interacionistas o organismo e o meio exercem influência recíproca e esta influência recíproca gera conflitos e estes, por sua vez, geram mudanças e elaborações que conduzem assim à aquisição de um novo conhecimento.

#### *Alguns Teóricos que ajudam fundamentar a Proposta Pedagógica*

**“ Toda mudança em Educação significa, antes de mais nada, mudança de atitude.”**

**Sanny S. da Rosa**

Sendo acessível a mudança e decidido a assumir uma nova postura frente à Educação, o professor pode encontrar nas dimensões construtivistas-interacionistas de Piaget e Vygotsky balizas teóricas conscientes para a promoção dessas mudanças.

O caminho da aprendizagem tem início com uma dificuldade e com a necessidade de resolvê-la. Da percepção das insuficiências de respostas do próprio sujeito, desencadeia-se um movimento de busca de novas soluções no mundo externo. A partir daí entram em ação uma série de operações mentais que visam voltar ao estado de equilíbrio, e tais operações são formuladas, testadas e revisadas tantas vezes quantas forem necessárias.

As teorias filosóficas construtivistas e interacionistas não embasam apenas a alfabetização, mas todas as aprendizagens lógicas através da construção de estruturas mentais capazes de receber novos conhecimentos – seja na Escola ou fora dela – na interação com o meio.

Com base nestas fundamentações, cabe à Escola refletir sua finalidade e sua realidade. A Escola é o espaço social privilegiado e, assim criado, visa a melhoria da sociedade; porém, nos atropelos do dia-a-dia, acaba evidenciando o cognitivo, buscando transmitir informações em nível de conhecimento intelectual, esquecendo-se de inteirá-los ao emocional e social. O aluno, hoje não pode ser visto como elemento passivo, e nem o professor como simples difusor de um conhecimento pré-produzido e supostamente definido. Nenhum ser ou ciência é algo pronto e acabado. O educador deve ser o catalisador do processo que resgatará as concepções espontâneas de seus educandos para inteirá-las às suas e às contidas nos documentos de referência (livros, e demais registros). É através desta relação que se amplia a construção do saber, levando professor e aluno também à condição de produtores de conhecimento. Assim, a partir da reinterpretação dos postulados básicos e atuando como agentes de sua própria história, poderão interagir na transformação da sociedade.

A função do professor e da Escola é desequilibrar – o conflito é importante para que se busque o equilíbrio. Através do desequilíbrio surge a assimilação, a acomodação e o reequilíbrio (novo conhecimento construído). No momento do desequilíbrio surgem as dúvidas, quando o senso crítico vem à tona, e no momento da assimilação a argumentação deve ser sólida para que haja acomodação e reequilíbrio. É necessário que a força do argumento se faça presente e é comum observarmos em uma conversa entre duas pessoas o não respeito pela vez do outro falar – a preocupação neste sentido está com a força do argumento – o significado das coisas não está na palavra e sim dentro de cada palavra!

Neste enfoque é importante que os educadores "ouçam" seus alunos e lhes solicitem a demonstração de como compreenderam o significado do que está sendo abordado e discutido.

É preciso que sejamos competentes naquilo que optamos, mas é preciso saber que aquele que é competente se permite o constante crescer.

É papel da verdadeira Escola e de todos que nela estão envolvidos, a reflexão e análise constante da caminhada. Desta forma "estamos oportunizando o crescer da pessoa e, conseqüentemente, da sociedade."

**“ O desenvolvimento cognitivo do indivíduo ocorre através de constantes desequilíbrios e equilibrações.”**

**Piaget**

Piaget em sua teoria ressalta a equilibração que se manifesta em tudo que possui vida principalmente no desenvolvimento e atividade cognitiva.

# A noção de equilíbrio é o alicerce de sua teoria.

**O sujeito, para Piaget, é fundamentalmente epistêmico, portanto cognitivo.**

Segundo Piaget, o tempo levado pelo indivíduo para percorrer as etapas cognitivas, não depende da idade cronológica e sim das construções passadas, da seqüência regular de atividades, das características de cada estágio, do acréscimo de uma síntese superior a outras anteriores de desenvolvimento e dos estímulos recebidos através da sua interação com o meio que o estimula e o desafia. Por isso, **é importante que o educador lance constantemente desafios aos seus educandos.**

Contextos que colocam desafios às crianças são potencialmente mais estimulantes para o desenvolvimento cognitivo.

Quanto ao desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem, Piaget ressalta que o desenvolvimento das estruturas cognitivas ocorre naturalmente, apoiado na maturação biológica, e a aprendizagem é concebida como a adaptação de um organismo biológico, ou seja, a aprendizagem acontece através de equilibração sucessiva e também através da maturação.

A aprendizagem, para ele é destacada como sendo a aquisição de um novo conhecimento, sobretudo por alguma informação obtida através do meio.

Lev Semenovich Vygotsky (1896 – 1934) nasceu na Rússia e foi autor de várias obras, mas apenas alguns de seus livros foram traduzidos para a Língua Portuguesa.

Em sua teoria, Vygotsky defende a visão do desenvolvimento, concebendo o sujeito como um ser ativo e a construção do seu pensamento se dá de acordo com o seu ambiente histórico e social.

**VYGOTSKY  
Privilegia o ambiente social!**

Vygotsky admite a influência da natureza sobre o homem, afirmando que este, por sua vez, age sobre a natureza e sobre a sociedade criando, através das mudanças nelas provocadas por ele, novas condições para sua existência.

Devem ser buscadas as ordens da vida e do comportamento nas condições externas de vida em primeiro lugar da vida social e nas formas histórico-sociais de existência do homem.

A partir das observações realizadas e das experiências vividas, as crianças registram graficamente todo o processo que envolve a aprendizagem.

- # O desenvolvimento depende do ambiente.
- # O conhecimento parte do social para o individual.
- # O pensamento e a linguagem são processos interdependentes.

Vygotsky não identifica o desenvolvimento do conhecimento na história da humanidade com as etapas do desenvolvimento individual.

# Os mecanismos de mudança individual têm suas raízes na sociedade e na cultura.

Vygotsky atribui à atividade simbólica uma função organizadora específica que invade o processo de uso de instrumentos e produz formas fundamentalmente novas de comportamento, contribuindo para uma nova organização estrutural da atividade prática.

A criança é capaz, pelo uso de signos, de libertar-se do campo perceptivo e com isto construir novos centros estruturais, inclusive pela estrutura do campo temporal

Com a ajuda da fala, a criança começa a controlar o ambiente. Isto produz novas relações como o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento.

A fala da criança é tão importante quanto à ação para atingir um objetivo, pois as crianças não ficam simplesmente falando o que estão fazendo; sua fala e ação se integram numa função cognitiva complexa, dirigida para a solução do problema em questão.

**Quanto mais complexa a ação exigida pela situação e menos direta a solução,  
maior a importância que a fala adquire na operação com o todo.**

*Dimensão Construtivista / Interacionista em Piaget  
e Vygotsky*

"A Teoria Interacionista estuda a contribuição do sujeito nas suas trocas com o objeto e com o meio. Especificamente estuda o papel que o meio exerce na estruturação do conhecimento e das condutas do sujeito".

"A Teoria Construtivista estuda o aparecimento de inovações, mudanças e transformações de ordem qualitativa que surgem no decorrer do desenvolvimento e os mecanismos responsáveis por essa evolução".

Ao ser elaborada uma proposta interacionista, é necessário que sejam preenchidas duas exigências:

1º) o estudo da contribuição do sujeito nas suas trocas com o objeto e com o meio.

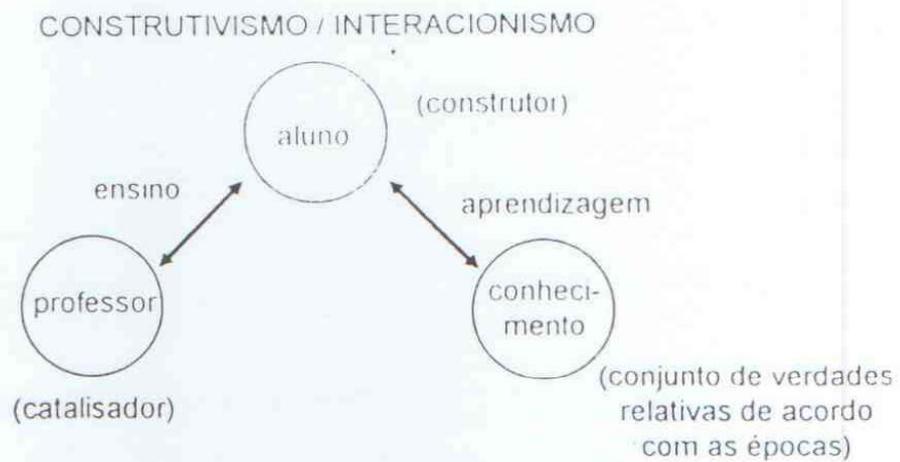
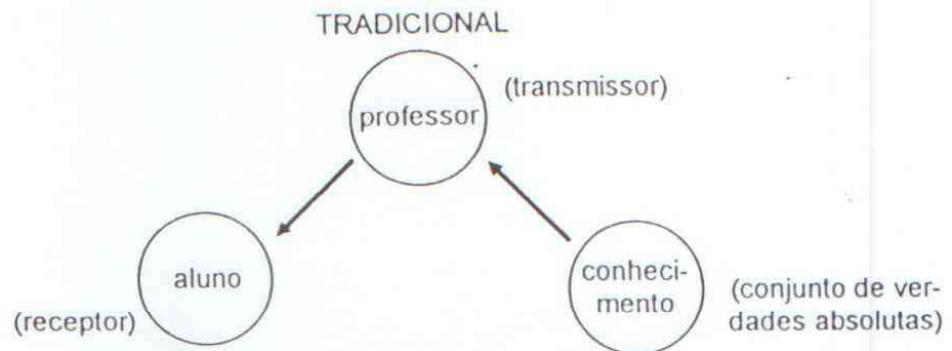
2º) o estudo do papel do meio na estruturação do conhecimento e das condutas do sujeito.

No que se refere ao interacionismo Piaget enfatiza a interação do sujeito com o objeto que constitui um suporte de ações, sem que se defina claramente qual é a função desse suporte no processo de construção de conhecimentos. Vygotsky preocupa-se fundamentalmente com a interação social, pois é no plano inter-subjetivo, ou seja, nas trocas do sujeito / objeto social, que se originam as funções mentais superiores.

Aos fatores clássicos do desenvolvimento, maturação, experiências físicas e transmissões sociais e culturais, Piaget acrescenta a equilíbrio, que constitui o fragmento do desenvolvimento das estruturas cognitivas.

O fragmento fundamental do desenvolvimento humano, para Vygotsky, é definido pela internalização de instrumentos e signos. O papel do meio social e cultural não é de ativador, mas de formador das funções psicológicas.

Tanto Piaget como Vygotsky estão voltados à questão de como o sujeito aprende e tanto um como outro têm como referência e pressuposto fundamental que o sujeito é o centro do seu próprio percurso em direção ao conhecimento, como pode ser percebido através deste paralelo:



A aprendizagem, na perspectiva teórica de Piaget e Vygotsky, é o resultado do esforço de atribuir e encontrar significados para o mundo, o que implica na construção e revisão de hipótese sobre o objeto do conhecimento.

Vygotsky freqüentemente atribui o uso de signos à descoberta espontânea da criança ou considerando o uso da fala como subproduto de sua atividade mental.

Segundo Vygotsky, a aquisição de um sistema linguístico reorganiza, pois, todos os processos mentais infantis. A palavra dá forma ao pensamento, criando novas modalidades de atenção, memória e imaginação.

Mas não é só isto. Além de indicar um objeto do mundo externo, ela também especifica as principais características desse objeto, generaliza as características percebidas e as relaciona em determinadas categorias. Daí a importância da linguagem para o pensamento: ela sistematiza a experiência direta da criança e serve para orientar seu comportamento.

Tanto Piaget como Vygotsky acreditam no potencial da criança e na sua capacidade criadora. Defendem a idéia de que ela é um ser ativo e capaz de construir o seu conhecimento, criando e elaborando hipóteses sobre o meio em que vive.

Como verdadeiro sujeito da aprendizagem espera-se, que o aluno seja seduzido a pensar, conhecer, problematizar, contextualizar, resolver problemas, selecionar respostas, compartilhar, questionar, deixar fluir a sua sensibilidade e criatividade afirmando a sua cidadania.

Nosso tempo, o dos educadores, é este hoje em que já se encontra, em gestação, o amanhã. Não um qualquer, mas um amanhã intencional, planejado, provocado agora. Um amanhã sobre o qual não possuímos certezas, mas que sabemos possibilidade.

Pode parecer romântico (até piegas); no entanto, é dessa utopia que não nos podemos apartar, sob a pena de perdermos o sentido de humanidade.

É nessa paixão pelo humano que habita, de forma convulsiva, a tensão articulada entre o epistemológico e o político, onde se dá o encontro do sonho de um Conhecimento como ferramenta da Liberdade e de um Poder como amálgama da convivência igualitária.

Há um ditado chinês que diz que, se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando um pão, e, ao se encontrarem, eles trocam os pães, cada homem vai embora com um; porém, se dois homens andando por uma estrada, cada um carregando uma idéia, e ao se encontrarem, eles trocam as idéias, cada homem vai embora com duas.

Quem sabe é esse mesmo o sentido do nosso fazer: repartir idéias, para todos terem pão...



## Dados da sua escola

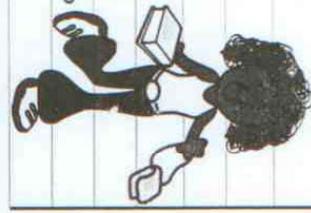
(Cartaz B - 350)

### 4ª série do Ensino Fundamental

Quantos participaram

### 8ª série do Ensino Fundamental

4ª série do Ensino Fundamental		8ª série do Ensino Fundamental	
Avaliação	Avaliação	Avaliação	Avaliação
Escolas estaduais do Brasil	614.094	Escolas estaduais do Brasil	913.274
Escolas municipais de seu estado	1.317.405	Escolas municipais de seu estado	459.577
Escolas municipais de seu município	26.993	Escolas municipais de seu município	52.853
Escolas estaduais de seu município	129.612	Escolas estaduais de seu município	59.129
Escolas municipais de seu município	48	Escolas municipais de seu município	110
Sua escola	362	Sua escola	180
	45		



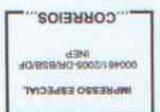
### 4ª série do Ensino Fundamental

Indicadores Educacionais\* Censo Escolar

### 8ª série do Ensino Fundamental

2004			2005		
Brasil	UF	Município	Brasil	UF	Município
84,4	82,3	88,6	76,7	77,5	82,4
11,2	13,8	8,1	7,1	13,4	7,1
4,4	3,9	3,3	11,2	9,1	10,5

2005		
Brasil	UF	Município
4,3	4,6	4
56,8	46,1	6
27	35,9	31,9

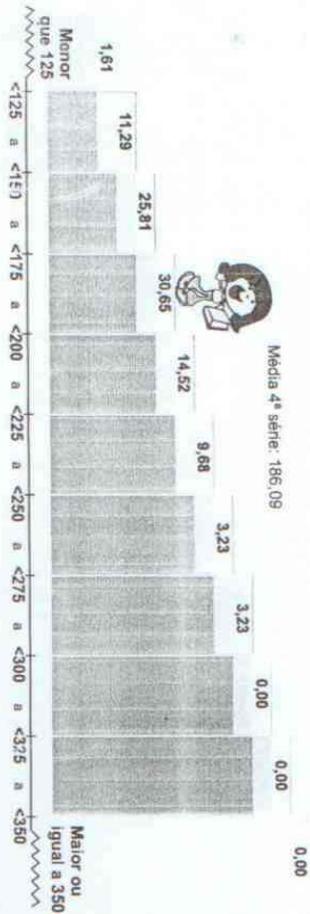


\*Calculados com base apenas nas escolas que participaram da Prova Brasil

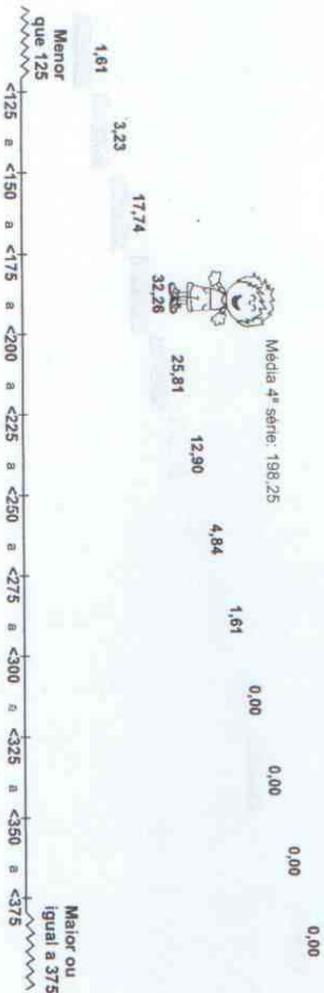
Distribuição percentual de alunos e média posicionada nas escalas

Medias comparadas

**Língua Portuguesa** 4ª série 8ª série



**Matemática** 4ª série 8ª série



**4ª SÉRIE**

Local	Escolas	Médias
Brasil	Escolas estaduais	176,07
	Escolas municipais	171,09
	<b>Total</b>	<b>172,91</b>
Seu estado	Escolas estaduais	174,41
	Escolas municipais	179,09
	<b>Total</b>	<b>178,40</b>
Seu município	Escolas estaduais	185,58
	Escolas municipais	185,95
	<b>Total</b>	<b>185,91</b>
Sua escola	<b>Total</b>	<b>186,09</b>

**8ª SÉRIE**

Local	Escolas	Médias
Brasil	Escolas estaduais	224,00
	Escolas municipais	216,17
	<b>Total</b>	<b>222,63</b>
Seu estado	Escolas estaduais	228,28
	Escolas municipais	229,21
	<b>Total</b>	<b>228,95</b>
Seu município	Escolas estaduais	242,49
	Escolas municipais	233,87
	<b>Total</b>	<b>237,14</b>
Sua escola	<b>Total</b>	<b>237,14</b>

**4ª SÉRIE**

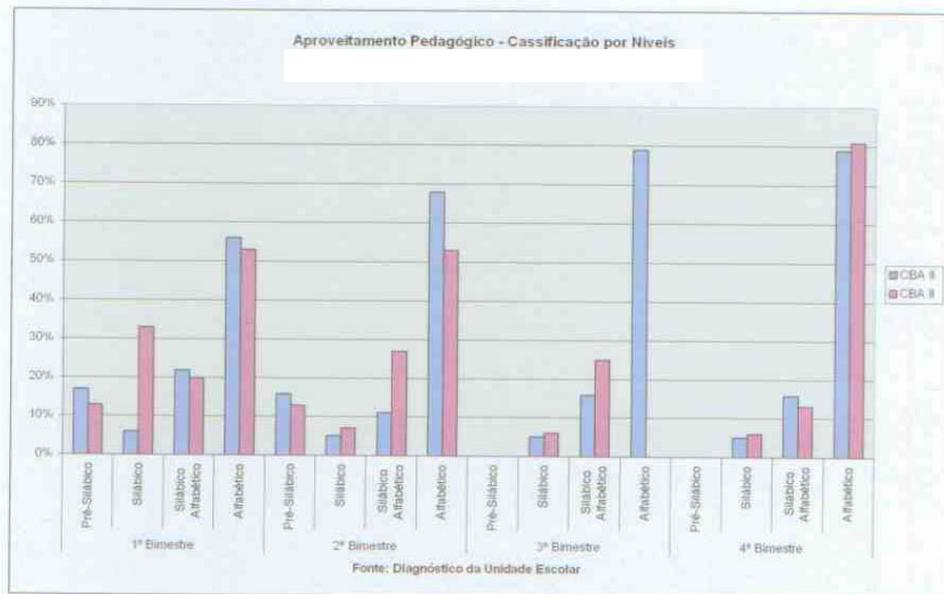
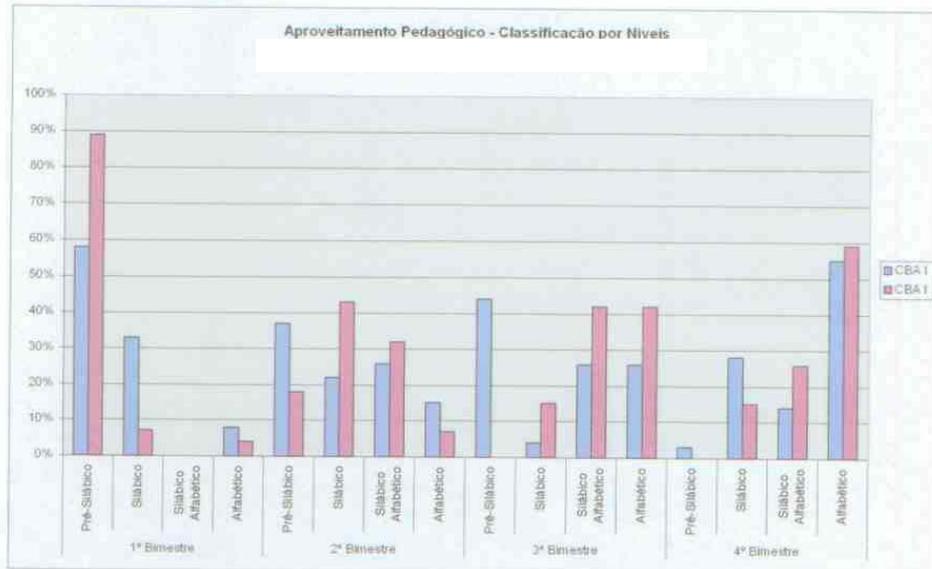
Local	Escolas	Médias
Brasil	Escolas estaduais	182,25
	Escolas municipais	178,66
	<b>Total</b>	<b>179,98</b>
Seu estado	Escolas estaduais	180,35
	Escolas municipais	185,14
	<b>Total</b>	<b>184,44</b>
Seu município	Escolas estaduais	196,77
	Escolas municipais	191,17
	<b>Total</b>	<b>191,82</b>
Sua escola	<b>Total</b>	<b>198,25</b>

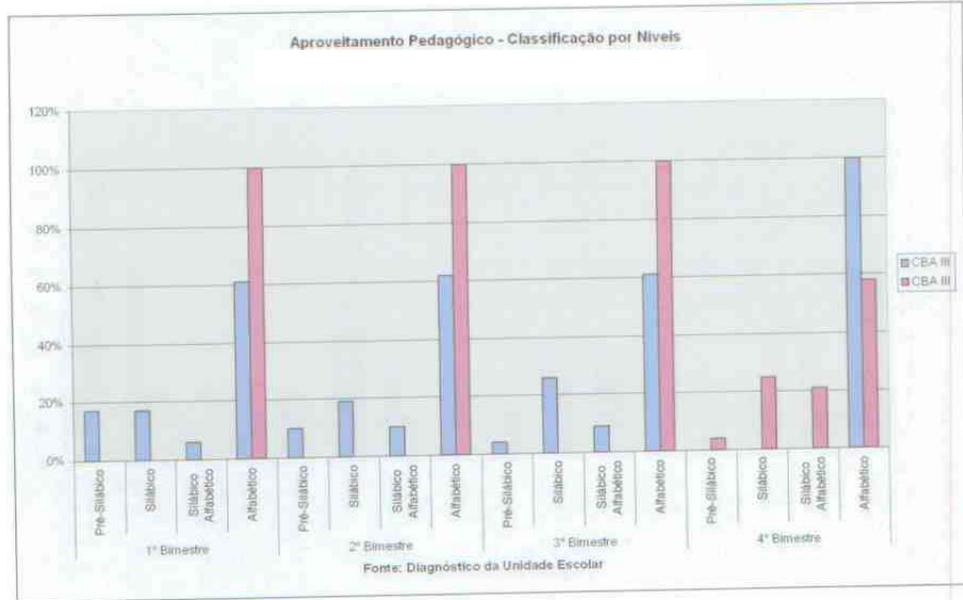
**8ª SÉRIE**

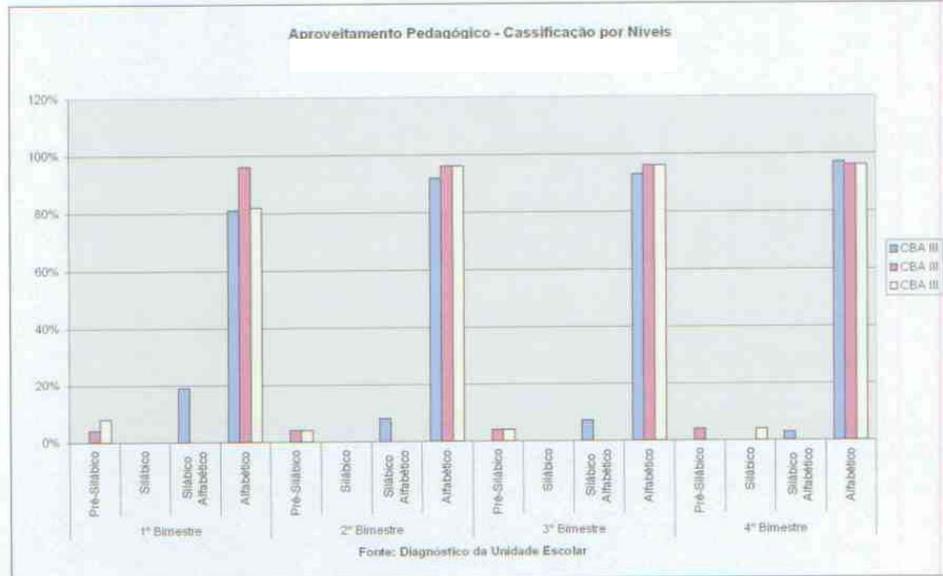
Local	Escolas	Médias
Brasil	Escolas estaduais	238,76
	Escolas municipais	234,12
	<b>Total</b>	<b>237,46</b>
Seu estado	Escolas estaduais	236,15
	Escolas municipais	243,88
	<b>Total</b>	<b>240,47</b>
Seu município	Escolas estaduais	252,99
	Escolas municipais	254,12
	<b>Total</b>	<b>253,69</b>
Sua escola	<b>Total</b>	<b>253,69</b>

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP

Ministério da Educação







CALENDÁRIO ESCOLAR - 2007

Meses/Dias	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL			
Janeiro																																	-		
Fevereiro			S	D																													-		
Março			S	D																													S		
Abril	D				R	F	S	D						S	D					S	D							S	D	R		-			
Mai	F				S	D								S	D				CA	D													S		
Junho		F	D							F	R	S	D			S	D						S	D									-		
Julho	D																																		
Agosto				S	D																														
Setembro	S	D					FL	S	D																									-	
Outubro						MA	D					F	S	D																					
Novembro		F	S	D						S	D																							-	
Dezembro	S	D						S	D						S	D						S	D												
TOTAL																																		201	

- Férias
- Carnaval
- Início das Aulas
- Reunião de Pais
- Conselho de Classe
- Retorno do Professor
- Confraternização do Professor
- Final do Ano Letivo
- Final do Semestre
- Culminância de Projeto
- Conselho de Classe Final

- Avaliação Final
- Recesso
- Sábado
- Domingo
- Confraternização de Funcionários
- Natal
- Recesso de Natal
- Feriado
- FERIADO LETIVO
- Serviço Interno

- FL Feira de Literatura
- CA Ciências em Ação
- FU Festa Junina
- MA Matemática em Ação
- ML Momento Literário

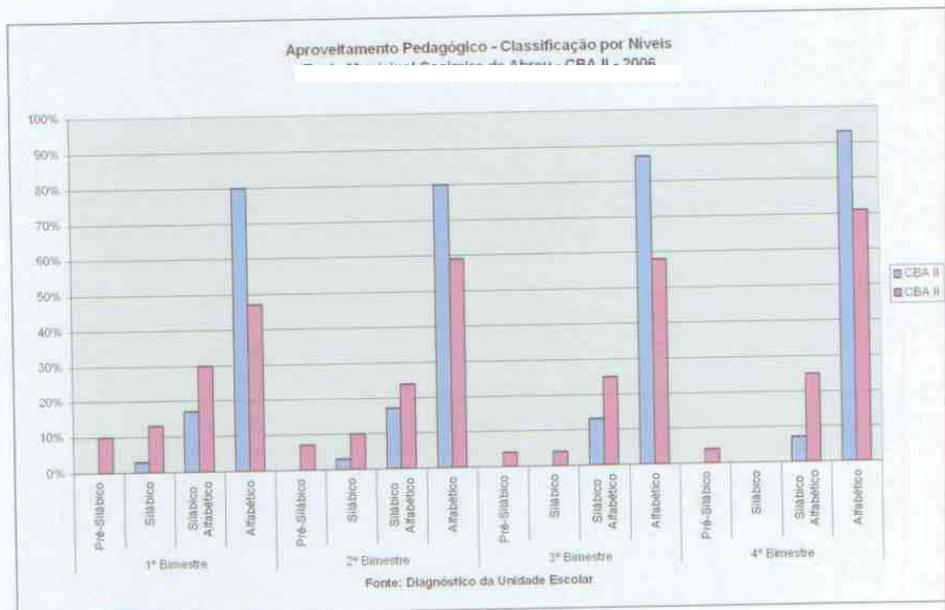
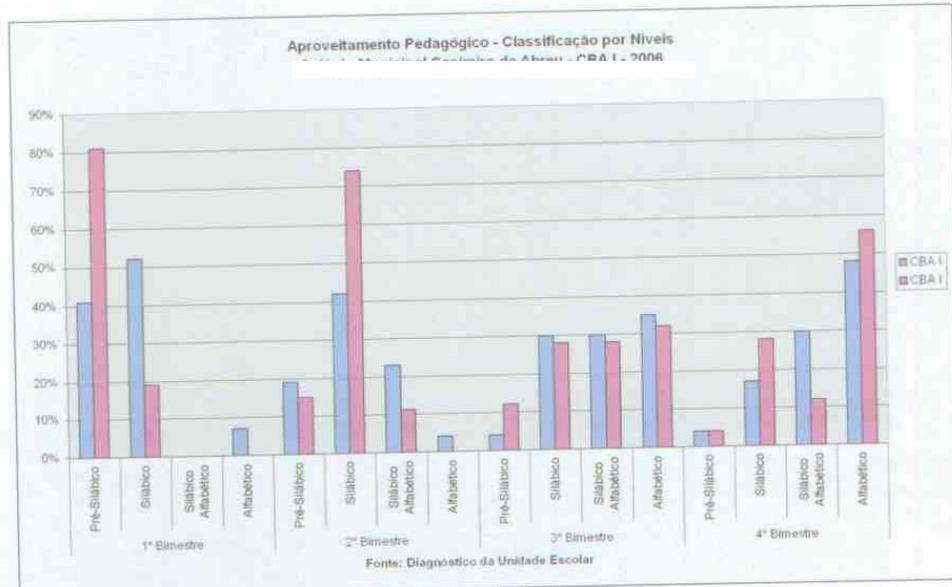
Sábados letivos acompanhados das siglas acima

## PLANEJAMENTO SEMANAL

DIAS	ATIVIDADES
22/10	<p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Leitura de texto e interpretação.</li> <li>* Ortografia : <math>\tilde{c}</math> / <math>\tilde{a}</math></li> <li>* Atividades ortográficas</li> <li>* Produção de texto</li> </ul>
23/10	<p>Leitura oral do texto</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Correção coletiva</li> <li>* Pontes cardiais e/ vídeos</li> </ul> <p>Para casa. Ilustração do ambiente do lar</p>
24/10	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Confeção de mural e/ ilustrações dos pontes cardiais.</li> <li>* Atividades lúdicas e/ divisão</li> <li>* Cincana matemática</li> </ul> <p>Para casa - Ficha de leit</p>
25/10	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Recreação</li> <li>* Situações problemas e/ multiplicação e divisão</li> <li>* Fixação das atividades do livro / divisão e multiplicação.</li> </ul>
26/10	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Revisão de conteúdo trabalhado.</li> <li>* Caça-palavra, cruzadinha, pesquisa e recorte e colagem.</li> </ul>

## RESUMO DO MOVIMENTO ESTATÍSTICO - Junho - 2008

ESCOLAS	EDUCAÇÃO INFANTIL						1º SEGMENTO					2º SEGMENTO				EJA - EBS REG. NOTURNO				TOTAL GERAL									
	Creche I	Creche II	Creche III	Creche IV	TOTAL	Pré I	Pré II	TOTAL	1º ano	2º ano	3º ano	3ª série	4ª série	TOTAL	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série	TOTAL		Pré-fase	Fase I	Fase II	TOTAL	Fase III	Fase IV	TOTAL	Classe Especial	
1 C. Ed. Inf. M. Palmiral	8	18	15	16	57																								57
2 C. Ed. Inf. M. N.ª Sr.ª da Saúde	26	43	45	41	155																								155
3 C. Ed. Inf. M. Prof.ª Elizete de O. Pinto				67	67	84	101	155																					252
4 Creche M. Maria do Carmo	5	11	15		31																								31
5 Creche Municipal Antônia da Souza Silva	15	29	31	22	97																								97
6 C. Ed. Inf. M. João Teixeira Bastos	11	24	42	37	114																								114
7 Pré-Escolar Mul. Anexo ao GECA				44	44	90	86	176																					220
8 E. M. Renata T. Bastos				63	63	104	105	209																					272
9 E. MUL. Prof.ª Moyses Silveira						7	10	17	12	17	10	14	70																87
10 E. M. Prof.ª Ercilides T. Moreira						22	25	47	30	17	19	17	12	95															142
11 E. M. Pr. Luiz Laurentino						19	19	35	45	80	55	34	50	40	22	201													346
12 E. M. Santa Luzia						31	31	31	28	59	38	32	46	37	22	175													306
13 E. M. Rosa Branca				4	4	4	6	10	3	3	9	5	2	22															36
14 E. M. Christiane S. S. de Carvalho				25	25	27	29	56	28	25	39	30	21	143	69	41	25	28	163	5	6	14	25	51	42	93		505	
15 E. M. Patrick Marchion Portal									127	98	104	101	70	500															511
16 E. Mul. Vila Verde				11	11	10	14	24																					106
17 Colégio M. Casimiro de Abreu									54	58	74	30	35	251	37	36	30	64	167										418
18 CIEP 459 Mul. José B. Jardim									85	107	96	113	92	494	199	122	94	75	480	15	21	37	73	72	67	139	20	1176	
19 CIEP 406 Mul. Ludévis T. Bastos									25	55	62	80	86	308	91	65	53	21	230	3	29	39	71	99	82	191	26	826	
20 E. M. Pr. Abel de S. Lyrio									41	32	30	40	49	192	58	56	55	40	209										401
TOTAL	63	126	148	380	718	414	440	863	516	481	562	514	430	2522	414	320	257	228	1218	56	82	118	256	222	201	423	57	6058	



# Ciclo Básico de Alfabetização e classificação

PAUTA DA REUNIÃO

Local: NAPE

Data: 05/11/01

- ♦ Abertura;
- ♦ Colocações gerais sobre a filosofia do CBA;
- ♦ Fundamentação teórica;
- ♦ Diagnóstico;
- ♦ Avaliação da reunião.

## PIPOCA OU PIRUÁ ?

A transformação do milho em pipoca macia é o símbolo da grande transformação por que devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro.

O milho da pipoca somos nós duros, quebra-dentes, impróprios para comer. Pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa. Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo.

Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca para sempre. Assim acontece com a gente.

As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito a vida inteira.

São pessoas de uma mesmice e uma dureza assombrosas. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo.

O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder o emprego, ficar pobre, pode ser o fogo de dentro: pânico, medo, ansiedade, depressão – sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso do remédio. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade de grande transformação.

Imagino que a pobre pipoca, fechada lá dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pensa que sua hora chegou: vai morrer, dentro de uma casca dura, fechada em si mesmo, ela não pode imaginar destino diferente.

Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo e grande transformação: PUM ! - e ela aparece como uma outra coisa completamente diferente que ela mesma nunca havia sonhado.

Piruá é o milho de pipoca que se recusa estourar.

São aquelas pessoas, que por mais que o fogo esquente se recusam a mudar.

Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem. A sua presunção e o modo são a dura casca de milho que não estoura. O destino delas é triste. Ficarão duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca e macia. Não vão dar alegria para ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca no fundo da panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo ...

## I – Escritas Pré-Silábicas

### Nível 1

Para a criança, escrever é produzir um traçado que se diferencia do desenho por possuir aspectos típicos da escrita. A intenção subjetiva desempenha um papel importante quanto ao significado atribuído ao que está escrito.

Ela utiliza as mesmas grafias ou a mesma letra para escrever palavras diferentes. Não há relação entre a pauta sonora da palavra e o número de grafias ou letras utilizadas.

Exemplo:

H R S M K

Para todas as palavras atribuindo-lhes, porém, significados diferentes.

Nesta fase é comum observar que a criança utiliza maior ou menor número de letras (ou sinais) dependendo da idade ou tamanho do objeto que sua escrita representa.

Exemplo:

Para escrever "boi", utiliza mais grafias ou letras do que para escrever "formiga". Isto porque "boi" é grande e "formiga" é pequena.

### Nível 2

Para a criança não basta apenas a sua intenção subjetiva para dar significado ao que escreve. Ela chega à conclusão de que para poder escrever coisas diferentes deve haver uma diferença objetiva nas escritas. Esta diferença é evidente quando a criança utiliza letras ou sinais gráficos diferentes para cada palavra, ou ainda, altera a ordem das grafias para manifestar a diferença de significados.

Em resumo, a criança utiliza grafias ou letras diferentes para escrever palavras diversas, sem que haja relação entre o número de letras utilizadas.

A leitura deste tipo de escrita é global, sem correspondência entre a pauta sonora da palavra e letras ou grafias utilizadas para escrevê-las.

Exemplos:

GEIA - GATO  
GASO - MARIPOSA

## II – Escritas Silábicas:

Utiliza tantas grafias ou letras conforme o número de sílabas que a palavra tem.

Ao atribuir a cada letra o valor de uma sílaba, a criança, progressivamente, torna-se capaz de regular e antecipar a quantidade de grafias ao escrever e de colocar tantas letras quantas forem as sílabas das palavras.

É a partir destes conflitos que a criança abandona progressivamente a hipótese silábica em direção a uma análise mais exaustiva da palavra.

### III – Escritas Silábicas Alfabéticas

A criança consegue analisar a palavra que vai escrever em termos de sílabas e fonemas em que algumas grafias representam uma sílaba e outras, um fonema.

É confundida com omissão de letras, quando na verdade a criança está progressivamente, acrescentando mais letras à palavra.

Exemplos:

P T K A → peteca  
B O N C A → boneca  
M A R O S A → mariposa

### IV – Escritas Alfabéticas

Escrita propriamente alfabética em que cada grafia representa um fonema da língua.

Porém, este não é o ponto terminal na evolução do sistema escrito, que ainda implica em:

- Ortografia da palavra
- Separação entre as palavras quando se escreve uma oração (muitas vezes escrevem sem deixar espaço entre as palavras ou fazem cortes que não correspondem à separação convencional da escrita).

Exemplo:

C H I L E	P A P A I T A M A R I N O	Chile
S A L	A P R O F E S S O R A C O N T R O F R U T A	papai
		tamarindo
		sal
		A profa. Comprou frutas

Desta etapa, a criança evolui para a escrita ortográfica, na qual ela lê e escreve corretamente.

Para escrever ela pode se valer das seguintes estratégias:

- a) Utiliza as letras de seu nome em ordem diferente, de acordo com o nº de sílabas que a palavra tem.
- b) A criança utiliza somente as vogais.
- c) A criança utiliza somente as consoantes.
- d) A criança utiliza tanto as vogais como as consoantes.

**Obs:** Nos casos a, b, c e d não há relação entre os sons da palavra e a letra utilizada pela criança. Há apenas relação entre o nº de sílabas.

- e) A criança usa somente as vogais que correspondem ao som das sílabas das palavras.

Exemplo: O E A → boneca  
E F A → peteca

- f) A criança utiliza somente consoantes correspondentes às palavras.

Exemplo: B N C → boneca  
P T C → peteca

- g) Nesta fase existe um "critério" de quantidade, isto é, para que a escrita tenha um significado é preciso ter uma quantidade mínima de grafias ou letras, portanto, palavras monossílabas geram conflitos. Outras formas destes conflitos surgirem é ditar à criança palavras semelhantes.

Exemplos:

P → pé  
O → nó  
B L X → boliche  
B L X → bolacha  
B L X → beliche

Obs: A criança já sabe que não há palavras escritas apenas com uma letra ou palavras diferentes escritas da mesma forma, cria-se assim, novos conflitos cognitivos.

## PRÉ-SILÁBICO

LEITURA: MUITA E GLOBAL

letras  
 palavras  
 frases (destaque palavras)  
 textos (destaque trechos)  
 coletiva, grupal, individual

ESCRITA: NÃO MUITA

memorizada  
 espontânea, "seu jeito"  
 reconstrução de palavras  
 cópias  
 coletiva, grupos (mais)  
 individual (menos)

## SILÁBICO

LEITURA: NÃO MUITA, GLOBAL  
 (CONFRONTO)

letras (escritas e som)  
 palavras (destaques "pedaços")  
 frases (destaque palavras)  
 textos (destaque: palavras e trechos)  
 coletiva, grupos (mais)  
 individual (menos)

ESCRITA: muito, muito

memorizada (grupos, individual)  
 espontânea (grupos, individual)

## SILÁBICO – ALFABÉTICO

LEITURA: MUITA (CONFRONTO)

palavras, destaque para sílabas  
frases  
textos

Coletiva, individual, grupal (muita)

ESCRITA: MUITA

grupos  
individual (espontânea, com  
reflexão)  
não quantidade, mas qualidade

ALFABÉTICO

LEITURA: MUITA, CONFRONTO  
ORTOGRAFIA

textos, palavras (análise sílabas)  
destaque sílabas  
parágrafo  
maiúscula  
pontuação

Coletiva, grupal, individual  
(bastante)

ESCRITA: MUITA

exercícios conhecidos prof.s  
qualidade e quantidade da produção  
letra cursiva – iniciar com o que já  
conhece

## ORTOGRAFIA

### LEITURA: MUITA (CONFRONTO)

compreensão mais oral

### ESCRITA: MUITA, PRAZER E REFLEXÃO

reescritas (análises e reflexões, comparações)

pontuação, apresentação, letra cursiva, algum treino correções

*Comprete:*  
 Sempre levar o aluno a  
 tomar consciência de seus progressos.  
 Todos devem lutar com as  
 conquistas de todos e ajudar-se  
 mutuamente.

### GRAMÁTICA: jogos e atividades, não nomenclatura

masculino/feminino  
 singular/plural  
 aumentativo/diminutivo  
 número sílabas  
 verbos=ações

- Algumas considerações sobre a relação teoria e prática na área da alfabetização

Formar leitores que sintam prazer na leitura e saibam sobre sua função social.  
 Formar escritores que saibam o que é escrever e para que serve a escrita.  
 Formar leitores e escritores competentes.  
 Formar leitores de mundo, cidadãos críticos.

- + Assim como a criança pensa sobre os elementos e fatos que observa do mundo que a rodeia, ela também pensa sobre a escrita -- um dos objetos existentes no mundo.
- + Ela pensa sobre a escrita, mesmo antes de iniciar sua escolarização, levantando hipóteses sobre como escrever.
- + Há então o confronto entre tais hipóteses e o sistema convencional de escrita.
- + As contradições que emergem deste confronto vão perar os avanços conceituais necessários para que ela compreenda a base alfabética do sistema de representações da escrita.
- + As atividades de estudo de palavras significativas podem favorecer a conquista de tal objetivo - compreensão da base alfabética.
- + Cabe, no entanto, ressaltar que o trabalho com palavras não é o suficiente.
- + Para formarmos uma criança que seja usuária competente de língua escrita um outro objetivo coloca-se ao lado do anterior no processo de alfabetização -- O domínio da linguagem escrita.
- + As crianças podem construir este conhecimento sobre língua escrita mesmo antes de dominarem a escrita convencional e desde a pré-escola deve-se criar oportunidades para que leiam e produzam língua escrita em múltiplas circunstâncias.

- Leitura de variados textos
- Escrita de textos
- Reescrita de trechos ou textos

É importante que toda proposta de leitura seja precedida de um diálogo tendo/leitor, leitor/leitores. O trabalho com o texto deve ser dialógico, abrindo-se espaço para que o aluno externar sua leitura, confrontando-a com seus pares.

Leitura = "atividade dinâmica de recriação dos sentidos existentes no texto, expressos ou intuídos a partir da experiência de vida do leitor, numa relação de intertextualidade que enriquece e amplia o sentido imediato do texto".

Fique atento: Não são as atividades em si que irão favorecer avanços significativos de aprendizagem e sim o encaminhamento que o professor dá a cada uma destas atividades.

**Ao planejar uma atividade o professor deve estar atento a:**

- + o que o aluno sabe, como sabe e o que ainda não sabe (diagnóstico);
- + o que esperar do aluno (objetivos);
- + o que o aluno vai fazer (conteúdo);
- + o que a atividade solicita do aluno (há problemas a resolver e decisões a tomar?);
- + a tarefa serve a todos alunos?
- + a atividade oferece oportunidade de reflexão sobre a língua escrita?
- + qual a função social da atividade? Como ela existe fora da escola?

Liliana Tolchinsky Landsman em recente artigo publicado resalta a importância de todos os planejamentos, em todos os ciclos de escolaridade, apresentaram um equilíbrio entre três tipos de propostas:

- + lúdicas: aquelas que permitem ao aluno relacionar-se com a língua em forma divertida, fantasiosa e livre;
- + sociais: aquelas que tratam o objeto de conhecimento da mesma forma que ele aparece na escola, sem fragmentar os textos, nem retirá-los do contexto original onde são utilizados;

+ escolares: aqueles que permitem uma abordagem, mais pontual e específica, do objeto de conhecimento e os elementos que o constituem.

Neste sentido, ao avaliar uma atividade realizada, o professor deve considerar:

- + se foi produtiva;
- + como foi a interação entre alunos - professor e alunos - conteúdos;
- + como se deu a circulação de informações e se houve troca necessária;
- + se ocorreram avanços dos alunos, progressos qualitativos;
- + se os objetivos foram alcançados, se estavam aquém ou além das possibilidades dos alunos;

Alguns princípios norteadores, também, são colocados como básicos dentro de uma abordagem construtivista e de uma concepção dialógica - interacionista de linguagem. Dentre eles:

- + os conhecimentos e experiência dos alunos devem ser aproveitados no decorrer do processo de trabalho;
- + o professor deve conhecer as hipóteses de escrita dos alunos, não para rotulá-los, mas para intervir adequadamente e guiá-los de forma que haja interação efetiva;
- + a interação grupal favorece a construção do conhecimento - os alunos aprendem uns com os outros e não só com o professor;
- + os critérios de formação de grupos devem ter relação com o objetivo da atividade e com a possibilidade de interações produtivas entre as crianças;
- + o erro deve ser trabalhado e não evitado, pois oferece "pistas" para o professor, norteador a prática em sala de aula;
- + a interação com a leitura pode acontecer antes mesmo do educando ser leitor fluente, o que lhe permite conferir significado ao texto e o seu conhecimento de mundo e da linguagem;
- + a leitura de livros deve entrar para a rotina da sala de aula, mas com o cuidado de não se destruir o caráter de lazer / prazer que a leitura deve ter;
- + é preciso favorecer aos educandos diversidade e qualidade em suas leituras, entendendo a leitura como um processo construtivo e interativo entre leitor e autor e, ainda, como instrumentalizador para o ato de escrever;
- + a aquisição da língua escrita deve acontecer em situações de uso real, tendo um sentido de utilização para a vida da criança;
- + as produções escritas dos alunos devem ser respeitadas, propondo-se intervenções adequadas que favoreçam o seu aprimoramento;
- + o essencial para o ensino da escrita é o envolvimento profundo e pessoal dos alunos em sua própria escrita;
- + os alunos devem escrever sobre aquilo que conhecem bem, sobre as coisas de que gostam, sobre o que lhes é significativo;
- + a sala de aula deve ser uma "comunidade de ouvintes": os alunos devem escrever, compartilhar e reescrever suas histórias; devem admirar e aprender a partir do trabalho de outros autores, na leitura a que têm acesso;
- + todas as áreas do conhecimento devem ser trabalhadas, dentro de uma perspectiva interdisciplinar, com o mesmo grau de importância no desenvolvimento do fazer pedagógico;
- + o trabalho com as diversas formas de linguagem deve permear as atividades em sala de aula: linguagem oral, escrita, plástica, corporal, musical, cartográfica, computacional...
- + o papel do professor é o de medição/intervenção, provocando avanços que não ocorreriam por acaso;
- + as situações de aprendizagem devem ser prazerosas, em que os alunos participem ativamente, com interesse e envolvimento.

O conhecimento e a apropriação de cada um destes princípios norteadores irá favorecer o desenvolvimento de uma prática de alfabetização que possibilita a formação de leitores e escritores críticos, abrindo assim, a perspectiva de formação de indivíduos autônomos, capazes de acompanhar, com competência, um mundo em constante mudança.

## ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO

CONSTRUÇÃO DA BASE ALFABÉTICA	TRANSCRIÇÃO DA FALA	CONSTRUÇÃO DA ORTOGRAFIA
<p>atividades que levem à consciência sonora: rimas (poesias, músicas, adivinhas, parlendas) contagem de letras jogos escrita com letras móveis</p> <p>atividades com modelos estáveis: nomes próprios rótulos folhetos de propagandas títulos de histórias e outros textos listas</p> <p>atividades que permitam a livre expressão de seu aluno (indagar o que ele quis escrever, atribuir escrita e traduzi-las para a escrita convencional)</p> <p>produção coletiva de textos</p> <p>atividades de leitura que envolvam, além da escrita, imagens e sinais. leitura de textos memorizados ler diariamente para seus alunos, principalmente textos com uma trama bem elaborada.</p>	<p>atividades que levem à percepção de que a escrita não representa a fala, mas a língua:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• escrita de pequenos trechos de memória</li> <li>• rimas ( poesias, músicas, adivinhas, parlendas )</li> <li>• bilhetes, avisos, recados</li> <li>• trechos de histórias</li> </ul> <p>- produção coletiva de textos</p> <p>- revisão e reescrita coletiva e individual de textos</p> <p>- jogos</p> <p>- leitura de textos pelos alunos e pelo professor</p> <p>- bilhetes com dias na lousa</p>	<p>- o português é uma língua difícil, as regras devem ser aprendidas</p> <p>- construção de regras:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• por hipóteses contextuais: mp/mb, r/rr, s/ss, g/gu, c/qu</li> <li>• por memorização: g/j, ch/x, e/i, o/u/l, s/z, s/ss/ç/c/sc e acentuação nasal (m,n,til )</li> <li>• produção de textos livres e reproduzidos</li> <li>• revisão e reescrita coletiva e individual de texto</li> <li>• jogos</li> <li>• leitura de diferentes textos, de acordo com o interesse dos alunos</li> <li>• desmontagem de pequenos textos para se perceber as estratégias utilizadas pelo autor</li> </ul>

Obs.: Para se fazer uma intervenção mais adequada é importante que o professor esteja atento às marcas reduzidas pelas crianças e forneça pistas para um texto mais claro e coerente.

## ASPECTOS FORMAIS DA ESCRITA COMO PROCESSO CONSTRUTIVO

NÍVEL	HIPÓTESES	ASPECTO GRÁFICO	FATO CONCEITUAL	LEITURA
PRÉ SILÁBICO 1	escrever é reproduzir os traços da escrita	linhas onduladas/zig-zague/bolinhas grafias variadas quantidade constante de grafia	todas as letras se assemelham a intenção do autor caracteriza a escrita é ininterpretável tentativas de corresponder escrita/objeto escrita da normas	global
PRÉ SILÁBICO 2	para poder ler é preciso ter diferentes escritas	grafismos mais definidos, mais próximos às letras aquisição de modelos estáveis diferenciação intra-figural e inter-figural	hipótese da quantidade mínima de letras e variedade variação na quantidade, qualidade e posição das letras	global
SILÁBICA	tentativa de dar valor sonoro a cada uma das letras que compõe uma escrita cada letra vale uma sílaba	podem aparecer grafias distantes das formas das letras as letras podem ter ou não valor sonoro conceitual	correspondência entre partes do texto e partes da expressão oral escrita representa partes sonoras da fala conflito com os excedentes e preenchimentos	silábica
SILÁBICA ALFABÉTICA	descobre a necessidade de fazer uma análise que vá além da sílaba conflito entre a hipótese silábica (necessidade interna) e a escrita convencional (realidade exterior)	escrita contendo variações do valor silábico e fonético	transição entre o silábico e o alfabético hipótese silábica entra em conflito com o valor sonoro atribuído às letras a criança resiste em abandonar suas hipóteses: quantidade mínima de letras e que cada letra representa uma sílaba	fase de conflito para a criança. Pode ler globalmente as palavras.
ALFABÉTICA	descobre que a sílaba pode ser considerada como unidade compreende que cada caractere da escrita corresponde a valores menores que a sílaba	escrita alfabética	resolução de 2 conflitos quantitativos: não basta uma letra por sílaba e as sílabas podem ser escritas com uma, duas, três ou mais letras. Qualitativamente enfrenta problemas ortográficos (a identidade e som não garante a identidade de letras)	Processada de acordo com a conquista recém efetivada

**DIAGNÓSTICO DOS NÍVEIS DE LEITURA E ESCRITA  
(PARA AS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO)**

**Material utilizado** – Tarefas de Conceituação propostas por Emília Ferreiro (1979) e adaptadas por Pimentel (1984).

**TAREFA 1** Quantidade suficiente de caracteres.

**Objetivo** – Visa a verificar se o aluno está vivenciando a hipótese de que para "ler" e escrever é preciso pelo menos de 3 letras. Quantidade suficiente de caracteres. (Hipótese da criança pré-silábica).

**Aplicação:**

- Apresentar às crianças fichas contendo uma letra, palavras com duas, três, até nove letras, numerais, escritas tanto em cursiva quanto em maiúscula e imprensa.
- Colocar nestas fichas palavras de vocabulário conhecido e não conhecido pelos alunos.
- Fazer de 15 a 20 fichas (cartões de cartolina de 12 x 16 cm).

**Exemplos:**

AMORA	rato	M	BAÚ
minhoca	JANELA	7	peteca
o	dente	coelhinho	3
PÉ	4	gatinho	PERÍMETRO

– Colocar as fichas sobre a mesa e perguntar ao aluno onde se pode ler.

– Anotar todas as respostas do aluno num caderno ou folha de registro confeccionada pelo próprio avaliador (professor ou especialista de educação).

**Observações** – A criança que mostrar a ficha **pé** dizendo que ela não serve para ler está vivendo a hipótese de que não se lêem e nem se escrevem palavras com menos de 3 letras. (Esta criança é portanto pré-silábica).

Quando lhe perguntamos por que não pode ler esta palavra, ela responde que com 2 letrinhas ou 2 palavrinhas não é possível.

Essa tarefa nos oferece ainda outras informações, muito importantes:

- Algumas crianças apontam as vogais das palavras, lendo-as. (Isto mostra que as identificam).
- Outras apontam as consoantes e vogais (sinal de evolução nos níveis, possivelmente estarão no silábico (nível 3) ou silábico-alfabético (nível 4) na escrita).
- Umam tentam ler as letras isoladas, identificando todo o alfabeto e outras já juntam, a consoante e a vogal, formando as sílabas.  
Ex: C + A = CA, M + A = MA, mas não conseguem formar a palavra CAMA ainda. (Estas crianças estão entrando no silábico alfabético (nível 4)).
- Outras já lêem as sílabas sem soletrar e se engasgam nas sílabas não trabalhadas, principalmente as compostas por dígrafos e encontros consonantais, que nos métodos tradicionais de alfabetização são trabalhados nas últimas etapas do processo.  
Estas crianças estão na passagem do silábico-alfabético (nível 4) para o nível alfabético (nível 5).
- As crianças alfabéticas lerão as palavras como um todo (**neste caso, não é preciso continuar o teste**)  
**Nota** – Todas estas situações serão registradas pelo avaliador da forma como a criança apresentá-las. (São dados muito importantes para o diagnóstico).

#### **Tarefa 2** Variedades de caracteres.

– **Objetivo:** verificar no aluno a presença ou não da hipótese de que não se lêem e não se escrevem letras repetidas. ➡ **Variedade de Caracteres** (hipótese da criança pré-silábica).

#### **Aplicação:**

– Colocar estas fichas sobre a mesa e perguntar à criança onde serve para ler.

**Material:**

- Cartões de cartolina 12 x 16 cm
- Letras e palavras com nº superior a 3 letras, para garantir que as fichas não sejam recusadas para leitura, pela quantidade insuficiente de caracteres.



**Observações:** – O correto é a criança mostrar as fichas do cavalo e CAVALO. Ao fazer isto, estará mostrando que letras repetidas não servem para ler.

É comum as crianças dizerem que AAAAA ou MMMM não são palavras, não significam nada e por isso não servem para ler (mesmo reconhecendo as letra A e M)

**Tarefa 3** Distinção entre desenho e texto e reconhecimento e identificação de letras individuais.

**Objetivo** – Verificar se o aluno faz ou não a distinção entre texto e desenho (onde se lê) → condição básica no processo de alfabetização.

**Material** – Livro de literatura ou livro de leitura.

**Aplicação** – O avaliador escolherá uma página do livro (que possua ilustração e texto) e perguntará à criança: - Onde é que se lê?

**Observações** – A criança que não indiferencia texto de gravura mostrará a página toda, como um todo.

- A criança que acha que se lê gravura (ilustração), mostrará a ilustração e ainda fará a descrição da mesma.
- A criança que apontar para o texto já diferencia texto de desenho.

Perguntando a esta criança por que é ali que se lê ela responderá: – porque tem letrinhas, palavrinhas, leiturinhas, números. (Num 1º momento a criança acha que os números também são letras). Estas crianças possivelmente estarão na escrita no nível pré-silábico ou nos níveis posteriores.

**Tarefa 4** **Letras** – O entrevistador apresenta à criança vários cartões contendo números perguntando-lhe quais reconhece e se pode nomeá-las.

**Objetivo:** – Verificar os níveis de reconhecimento de letras individuais e o tipo de letras que a criança identifica (cursiva ou imprensa).

**Material:** Cartões de 12 x 8 cm com todas as letras do alfabeto (de um lado com letra cursiva do outro com letra de imprensa maiúscula).

**Aplicação:**

- Mostrar os cartões um a um aleatoriamente, **sem se preocupar com a ordem alfabética.**
- Mostrar do lado da letra cursiva e depois do lado da letra imprensa.
- Anotar todas as respostas da criança.

**Observações:**– nesta tarefa o avaliador poderá observar:

- As letras que a criança reconhece e as que não reconhece;
- A troca de sons na leitura. Ex: o professor apresenta a letra F e a criança diz que é V, ou, apresenta a letra B e a criança diz D, etc.
- O surgimento do nível 4 – silábico-alfabético - quando a criança ao ler uma consoante acrescenta a ela uma vogal. Exemplo: o avaliador mostra a ficha da letra P e a criança lê PA ou mostra M e a criança lê ME
- Se a criança identifica letra cursiva ou de imprensa (ou ambas). Isto possibilitará ao professor identificar que letras ou tipo de letras precisa trabalhar com a criança e ainda se está na hora de avançar com a criança no nível silábico-alfabético, propiciando-lhe o trabalho de construção da sílaba e palavras através de jogos específicos para esta fase. (no caso das crianças que acrescentam, ao ler, à consoante, uma vogal)

**Tarefa 5** **Números** – O entrevistador apresenta à criança vários cartões contendo números perguntando-lhe quais reconhece e se pode nomeá-las.

**Objetivo:** – verificar quais os numerais (de zero a 9) que o aluno reconhece e se sabe nomeá-los.

**Material:** – Cartões de cartolina (12 x 8 cm) com numerais de 0 a 9.



**Aplicação:**

- Apresentar aleatoriamente (fora de ordem) cada cartão.
- Pedir à criança que os identifique.
- Anotar as respostas da criança

**Observações:**

- Algumas crianças nomeiam todos os numerais apresentados dizendo apenas o nome de um numeral. Exemplo: – o avaliador mostra 2, 6, 7, etc. e a criança fala para todos o numeral 5 ou outro qualquer. (**Sinal de que ela não identifica os numerais de 0 a 9.**)
- Outras já lêem corretamente todos ou alguns numerais.
- Esta tarefa indicará ao professor o conhecimento real da criança no que se refere a numerais.

**Tarefa 6**

**Reconhecimento de sinais de pontuação.** Procede-se como na tarefa anterior, apresentando-se porém cartões que contêm sinais de pontuação.



- Mostrar um a um os cartões e esperar a resposta do aluno.

**Observações:**

- No processo de alfabetização, durante a passagem da criança pelos níveis (de 1 a 5), é comum a criança não identificar ou utilizar os sinais de pontuação na sua escrita (não são **observáveis** para a criança), mesmo que o professor os utilize na sua escrita.
- Isto é natural e não deve ser cobrado pelos educadores antes das crianças chegarem ao nível 5 (alfabético).
- Raramente, as crianças reconhecerão os sinais de pontuação ou alguns deles, nestas fases do processo de alfabetização.

**Tarefa 7:**

– **Leitura com imagem:** São apresentados à criança cartões contendo textos e imagens. Os sete primeiros cartões, continham apenas uma palavra escrita e nos outros quadro, uma oração.

**Objetivo** – Visa verificar o nível de leitura do aluno.

- Se consegue decifrar o texto (**leitura sem imagem**) palavras ou frases.
- Se faz antecipações do texto segundo a imagem (**leitura com imagem**)
- Se considera texto como etiqueta do desenho.

**Material:**

- Cartões (22 x 16 cm) com gravuras ou desenhos e textos (palavras ou frases)
- Alguns cartões terão correspondência desenho-texto, (são etiquetas do desenho) outros (não são etiquetas do desenho)

**Sugestões:**



bola



café



O pato nada



O macaco brinca na árvore



Paulo pesca um peixe

**Observações:**

Este material pode ser confeccionado com qualquer gravura ou desenho, e o avaliador fará o texto.

- Anotar todas as respostas da criança.
- Algumas tentarão decifrar a palavra esbarrando apenas nos sons desconhecidos por elas.
- Nas frases lerão apenas o **nome, o substantivo**, a que se refere a ilustração. Num primeiro momento, não observam que a frase possui outros segmentos e, ao pedirmos à criança para ler a frase, ela mostrará toda ela apenas como uma palavra: **o substantivo**. Isto, se chama **hipótese do nome**. Só num nível mais avançado é que a criança observará a estrutura da frase e acrescentará a **ação** (verbo) e outros elementos, mesmo que por antecipações inteligentes (adivinhações, predições, lógicas, dentro do contexto). Esta criança, possivelmente, se encontra no nível 4 – silábico-alfabético, na escrita,

**Tarefa 8** Leitura sem imagem

**Objetivo** – Verificar a leitura sem imagem (sem ilustração)

**Material:**

Frases escritas no quadro negro pelo avaliador.

**Exemplos:**

1. Papai chuta a bola (em imprensa maiúscula)
2. A menina come doce (em cursiva)
3. O cachorro corre atrás do gato (em imprensa maiúscula)
4. O urso come mel (alternativamente em cursiva ou imprensa, mas sem deixar espaços brancos).

**Aplicação:**

O entrevistador escreve diante da criança uma oração e a lê em seguida, com entonação normal, assinalando com o dedo o texto, em um gesto contínuo. Uma vez lida a oração, pergunta-se à criança onde ela acha que se encontram as diferentes palavras que a compõem, como por exemplo: – Onde está escrito papai?

A ordem das perguntas é variada, mas sempre se começa com um substantivo. Alternativamente, pode-se proceder de forma inversa: - assinala-se uma parte do texto e pergunta-se o que está escrito ali.

- Fazer o mesmo com todas as orações.

**Tarefa 9** Atos de leitura:

**Objetivo** – Verificar a interpretação pelo aluno dos diversos atos de leitura e dos suportes de cada texto, suas características formais, inclusive dos seus portadores, através de conflitos simulados pelo avaliador.

**Material:**

– Livros de literatura, jornais.

**Aplicação:**

– O avaliador simula os seguintes atos de leitura.

**Atos de leitura:** Nesta tarefa, a situação experimental consta de duas partes. **Primeiramente** realiza-se um ato de leitura silenciosa. Com um **jornal na mão**, a entrevistadora faz uma leitura silenciosa, observando bem os gestos, o tempo de fixação dos olhos, enfim, toda a exploração que o texto requer. Em seguida, pergunta-se à criança: “Preste bem atenção e me diga o que estou fazendo?” Uma justificativa para as respostas é também solicitada. Depois, folheia-se o jornal, sem se deter em nenhuma página, e torna-se a perguntar: “O que eu estou fazendo agora?” **Na segunda parte**, o procedimento consiste em realizar um ato de leitura em voz alta, contendo todas as características formais que o envolvem, porém com um elemento conflitivo: o portador de textos utilizado é de um tipo e o conteúdo lido é de outro.

**Exemplos:**

1. Leitura aparente, com um jornal na mão, de uma história infantil: “Era uma vez, em um país muito diferente, uma menina, muito bonita e bondosa, que vivia numa casinha muito humilde.”
2. Leitura aparente, em um livro de histórias infantis, de uma notícia de jornal: “Uma violenta batida aconteceu nas imediações da escola, entre um ônibus e um automóvel, na presença de uma porção de pessoas que passavam pelo local.”
3. Leitura aparente de um diálogo em estilo direto: “Você viu, quando vinha para cá, um incêndio no prédio da esquina? As labaredas de fogo estavam muito altas, não é mesmo?”

Cada uma dessas leituras é precedida da pergunta: “O que estou fazendo?”

**Tarefa 10:** Nível de escrita:

**Objetivo:** Avaliar, diagnosticar o nível de escrita em que se encontra a criança

– A exploração sobre a escrita das crianças é feita de várias maneiras.

1. Pedindo-lhes que escrevam o seu próprio nome.
2. Pedindo-lhes que escrevam o nome de algum amigo ou de algum membro da sua família.
3. Contrastando situações de desenhar com situações de escrever.
4. Pedindo-lhes que escrevam as palavras mais habitualmente usadas no início da aprendizagem escolar, como papai, mamãe, escola, etc.
5. Sugerindo-lhes que tentem escrever outras palavras, que possivelmente não lhes tenham sido ensinadas, como cavalo, leite, pé, etc.
6. Sugerindo-lhes que tentem escrever a seguinte oração: "O gato bebeu o leite."

Tais situações não se sucedem de uma maneira fixa nem de modo contínuo. São propostas no decorrer da entrevista da criança, buscando o momento mais adequado.

**Observações:**

- O nível de escrita também será verificado nas atividades diárias de sala de aula: escritas espontâneas, auto-ditados, produções de textos e outros.
- O diagnóstico do nível de escrita e leitura é feito para a enturmação dos alunos (agrupamento de níveis próximos).
- Conhecimento da Zona de Desenvolvimento Real da criança, para a intervenção do professor na Zona de Desenvolvimento Proximal, buscando levar o aluno à Zona de Desenvolvimento Potencial, na leitura e escrita.
- Possíveis remanejamentos e adaptações dos alunos nas classes de alfabetização durante o decorrer do percurso.

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

A Escola e os professores não estão preparados para trabalhar com ciclos.  
 A proposta de avaliação não foi positiva porque não definiu se o aluno teria um qualitativo ou quantitativo, não proporcionando ao aluno a oportunidade de avançar.  
 Mas acreditamos que o aluno deve ser alfabetizado em 2 anos.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

O CBA é válido porque dá ao aluno a oportunidade de ser alfabetizado em um tempo maior.  
 A situação de 3ª e 4ª séries ainda continua sendo a opção mais segura porque o aluno não pode ser aprovado para uma fase sem ter alcançado os objetivos propostos.  
 No sistema seriado o aluno se mostra mais responsável, mais comprometido.  
 \* Acreditamos na proposta de Avaliação do CBA / 3ª e 4ª séries.

Data: 12/03/01  
 Assinaturas:

Neuge da Silva Drummond  
 Ana Paula dos Santos  
 Ana Nery de Carvalho  
 Tácia O. S. Mpeinho  
 Regina Viladão dos Santos

Rua Padre Anchieta, 106 - Centro  
 CEP: 28660-000 - Telefone: (021) 718 2014

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

Vemos o ciclo básico como uma forma de levar o aluno a adquirir o seu processo de aprendizagem em relação a leitura e a escrita durante um tempo mais prolongado e podendo assim ter esta aprendizagem contínua e dentro da individualidade e tempo do aluno.

Dentro do ciclo vê-se a necessidade do professor conhecer mais o aluno e prepará-lo não mais para reutilizar os conteúdos apropriados, elaborando atividades mais dinâmicas e reflexivas. As avaliações "também" são realizadas também dentro da individualidade do aluno como ser humano e não simplesmente com um quantitativo que vai dizer que ele vai para uma série seguinte ou não.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

Vemos que o CBA se faz necessário principalmente por sentirmos que o ciclo é válido e este continuará valorizando a individualidade e o tempo de cada aluno, ressaltamos a importância da permanência do professor do CBA neste sistema.

Em relação a 3ª e 4ª séries sendo feita uma reflexão visto que o mesmo também é necessário pois estará preparando o aluno para o 2º segmento e é também uma forma de constatar se o objetivo do CBA foi alcançado em relação ao processo de leitura escrita, onde sem dúvida em relação a avaliações não estamos valorizando o quantitativo, mas continuamos sendo valorizada a individualidade, as reflexões e sendo esta relação conquistada no CBA.

Data: 19 de março de 2001.

Assinaturas:

1. *[Assinatura]*
2. *[Assinatura]*
3. *[Assinatura]*
4. *[Assinatura]*
5. Bethania R. H. Soares.
6. Selma Lucia S. Salgado

Rua Padre Anselmo, 106 - Centro  
CEP: 28040-000 - Toledo, (021) 778.2014

7. Andréia Cunha Passos
8. Superatríjia R. Netto
9. Paquel Ramos de Silva
10. Pauleta Kerura Nóbis
11. R. Gratiol
12. M. C. Baldo
- 13.
- 14.

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

T  
 Acreditamos que o ciclo básico funciona  
 de alfabetização da 2ª série, pois nesse período  
 a criança de ser trabalhada, o processo  
 de leitura escrita, produção de texto e interve-  
 são durante os conteúdos para 3ª e 4ª série.  
 Uma criança que não é bem alfabetizada  
 não consegue desenvolver as atividades propostas  
 pelo professor.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

na 3ª e 4ª série, não acreditamos no ciclo.  
 Nessas séries, o aluno deve ser avaliado  
 através de testes, sendo o mesmo teste,  
 caso não alcance os objetivos propostos.

Data: 23 de março de 2003  
 Assinaturas:

Rosiane de D. da S. Espachon  
 Maria Lucia de Jesus

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

Através de uma sondagem nesta Unidade Escolar, pode observar que os profissionais de ensino, pensam de maneira igualitária, ou seja, todos acham que o ciclo básico, não funciona, devido a transferência de responsabilidades, o professor da I fase, acha que o aluno aprenderá na II fase, e por sua vez o professor da II fase, passa a responsabilidade para o da III fase. Enfim, nota-se que o maior prejudicado é o aluno, pois o mesmo chega na V fase, as vezes, sem o conteúdo necessário, motivo este, devido a promoção automática.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

A maioria dos profissionais desta Unidade Escolar, não aprovam nem mesmo o CBA, ou seja, deverão retornar, ao sistema seriado. Entretanto, de uma maneira ou de outra, for-se necessário reformular a avaliação dos educandos, ou seja, pensar em um novo jeito de se avaliar, atendendo as expectativas dos professores, e principalmente, dos alunos.

Data: 15 de março de 2011

Assinaturas:

Valéria C. M. Costa Neres

~~Valéria C. M. Costa Neres~~

Rua Padre Antônio, 100 Centro  
CEP: 28660-000 - Telefone: (021) 718-2014

Assinaturas

Letícia Lima da Silva

Juliana Faria de Assis

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

Deu certo em alguns momentos e em outros não:

- crianças chegando na III fase. Ciclo, por idade, do lar.
- a postura do profissional (sem conhecimento das propostas do ciclo básico, embora estudadas).
- levantar a auto-estima dos alunos, diminuindo a atenção, principalmente nas primeiras séries.
- sistema de avaliação trabalho, em excesso

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

As diferentes formas de nomeação das séries serão sucesso com o compromisso do profissional.

A mudança é válida, se for em prol do aluno.

Data: Barra de S. João, 12/03/2001.

Assinaturas:

Paula - Diretora

Helena - Secretária

Andréia de S. Luyten - Professora

Juliana de Alveira - Professora

Rua Padre Anchieta, 106 - Centro

CEP: 28660-000 - Telefone: (024) 728 2034

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

O Ciclo Básico deixou a desejar, devido que não houve responsabilidade dos professores, onde percebemos que os alunos chegaram ao final do ciclo com deficiência na leitura e escrita.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

Concordamos. Se o professor assumir uma postura responsável, na questão de alfabetização, o aluno vai chegar à 3ª e 4ª séries com mais condições na leitura e escrita e serão preparados para enfrentar a 5ª série sem maiores dificuldades.

- falta de postura  
de alguns  
professores  
e alguns  
alunos

Data: 12/03/01  
Assinaturas:

Letângela C. Muniz  
Lidiana D. dos S. e Silva  
Rosilane D. Muniz  
Edir de S. U. Jardim.  
Christiane Quintal

Rozani L. S. de Oliveira Rosa

Rua Padre Anchieta, 106 - Centro  
CEP: 28860-000 - Telefax: (074) 778.2034

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

Nós não concordamos com a Continuação do Ciclo Básico, já que os professores não têm a consciência de que o ciclo é um processo contínuo, pois sabemos que ao final do 1º ciclo o aluno deverá dominar a leitura e a escrita.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

Concordamos. O professor terá mais responsabilidade de promover o aluno, já que seu trabalho vai repercutir na seriedade e aluno estará sendo preparado para ingressar na 5ª série sem nenhuma dificuldade, digo menos dificuldades.

Data:

Assinaturas:

Regina Maria Pereira de Andrade - Diretora

Edângela M. Pereira - Coordenadora

Irandir do Carmo F. Silva - Professora. Vi fase

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

É um trabalho a ser repensado, uma vez que os problemas detectados no 1º ciclo não foram solucionados, repercutindo no 2º ciclo, tendo o aluno como o mais prejudicado, chegando até a II fase e até mesmo a 5ª série do 2º segmento sem o mínimo de conteúdo.

Fora de nossa realidade esperar exam os imensos resultados, onde, até mesmo por falta de incentivo e orientação, os professores acabam por padronizar quase que totalmente o diagnóstico de uma turma inteira.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

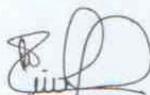
É uma expectativa muito grande no que se quer implantar, mas é necessário um apoio participativo, além de uma progressiva orientação para diretor pedagógico, professor-orientador e professores.

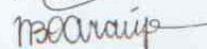
A princípio, parecia-nos uma proposta mais viável a nossa realidade, o que não aconteceu com o Ciclo Básico.

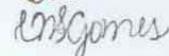
Com o sucesso do CBA, os alunos da 3ª e 4ª série terão com certeza, menos dificuldades de absorver os conteúdos básicos e terão melhor desempenho no 2º segmento.

Data: 12/03/01

Assinaturas:






Rua Padre Anchieta, 106 - Centro  
CEP: 28860-000 - Telefax: (024) 778.2034

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

Gosto deste método de ensino, porém a parte literária é muito intensa, deveria estudar um meio de enlugar as partes dos alunos.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

Gostei da nova proposta de ensino. Cada aluno poderá ser avaliado anualmente, se está apto para cursar uma nova série.

Data: 14/03/01

Assinaturas: 

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

A proposta do Ciclo Básico é boa mas o educador não foi preparado o suficiente para desenvolver um bom trabalho usando esta ideia. Depois foi adotado o Ciclo Básico paralelos que os trabalhos desenvolvidos neste trabalho baseados pelos professores não tiveram bom êxito. O processo de alfabetização foi o que mais sofreu pelo fustão de se alfabetizar por muito tempo das turmas especiais não deram base de professor para que ele pudesse trabalhar com eficiência e segurança o seu trabalho. Temos percebido que o aluno tem passado de um nível para outro sem ter o tempo a exigência necessária para o seu bom desempenho escolar.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

O Ciclo Básico teve como resultado na 3ª e 4ª séries o baixo rendimento de alunos. Observando todas estas análises, temos observado o desejo de retornar ao sistema de ensino neste nível de ensino. Não se no 2º ciclo, mas também no 1º ciclo.

Data:  
Assinaturas:

Alexandra Cinelli da Silva  
Gracina Alves de Oliveira  
Marta dos Paes de Sá  
Evandro Espinola Vieira  
Gleideza Fello Gomes Castanho

Rua Padre Anchieta, 106 - Centro  
CEP 28860-000 - Telefone (021) 778 2014

### História da Função da Escola

A Escola Municipal Pastor Luiz Laurentino foi inaugurada em 17 de junho de 1979. Situada à rua Prefeito José Bicudo Jardim, s/n, no bairro Industrial, recebeu este nome em homenagem póstuma ao saudoso Pastor Evangélico senhor Luiz Laurentino da Silva.

No período anterior a 1979, não existia a escola no bairro Industrial, as crianças que ali moravam, atravessavam o asfalto, hoje BR 101, para estudar em uma das escolas existentes no centro da cidade: o Ginásio Presidente Feliciano Sodré. A comunidade relata que era uma grande preocupação para os pais, verem seus filhos atravessando o asfalto, duas vezes por dia para estudar. Até que um dia, uma criança sofreu um grave acidente quando atravessava o asfalto vindo da escola, a menina perdeu uma perna no acidente. A comunidade sensibilizada com o fato ocorrido, solicitou ao então prefeito da cidade, senhor Célio Sarzedas, a construção de uma escola no Bairro Industrial, onde os moradores pudessem colocar seus filhos para estudar, sem a preocupação com a travessia do asfalto. O prefeito viu a necessidade da comunidade e iniciou a obra de construção da escola, hoje denominada Pastor Luiz Laurentino.

### Biografia do Patrono da Escola

O pastor Luiz Laurentino da Silva nasceu em 27 de outubro de 1911 na cidade de Carapebus, estado do Rio de Janeiro. Mudou-se para Casimiro de Abreu em 01 de março de 1943 com seus pais Vitalino Laurentino dos Santos e Isabel Maria dos Santos. Casou-se com senhora Laura Teixeira da Silva com quem teve cinco filhos.

Formação: licenciado em farmácia, atuou ativamente como farmacêutico neste município. Estudou teologia no seminário do Sul do Rio de Janeiro, atuou como pastor das igrejas batistas de Casimiro de Abreu por 33 anos.

Formações públicas: Foi vereador por 3 (três) períodos; membro da Junta beneficente Estadual; secretário da Estatística da Associação Macaense Batista do Brasil; membro do conselho

fiscal do Ginásio Presidente Feliciano Sodré e do Hospital Nogueira de Souza; corretor de imóveis da sociedade fluminense em Casimiro de Abreu; contador; distribuidor; comerciante.

No dia 11 de março de 1987 "Deus chamou para sua presença".

Por tudo isso que acabamos de descrever pelo que representou na nossa comunidade, deu-se o nome a esta escola em sua homenagem.

### Estrutura Física

A Escola Municipal Pastor Luiz Laurentino possui 626,62 m<sup>2</sup> de área construída e 784,42 m<sup>2</sup> de área livre, obtendo o total de 1.411,04 m<sup>2</sup> de terreno.

Prédio – O prédio é dividido em dois blocos: um para ensino Fundamental, outro para educação Infantil.

O bloco que atende o ensino Fundamental, possui 6 (seis) salas de aula, medindo 29,40 m<sup>2</sup> cada uma com 2 (dois) banheiros – masculino e feminino, dois sanitários cada um e dois chuveiros. Possui também um refeitório e uma cozinha que atende tanto a educação Infantil quanto o Ensino Fundamental, uma sala de professores com banheiro, uma secretaria com banheiro, um corredor que funciona como pátio, uma cantina e uma sala de arquivo.

Para atender a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, contamos ainda com um consultório dentário equipado com mobiliário necessário ao atendimento odontológico, uma sala de leitura e um auditório com capacidade para 100 (cem) pessoas.

O estado de conservação de toda estrutura é bom, necessitando apenas de pintura nas paredes.

Para praticar esportes, a escola conta com uma área livre de 784,42 m<sup>2</sup> aberta, com o chão coberto de areia, onde é praticado futebol de areia, jogos recreativos, e outros.

O bloco da Educação Infantil possui três salas de aula com mobiliário adequado a idade das crianças. Possui 2 (dois) banheiros – masculino e feminino – com instalações sanitárias adequadas a Educação Infantil (de 03 a 05 anos), uma área livre aberta, com o chão coberto de areia e pedrinhas.

Atualmente não possuímos parquinho para educação Infantil, as crianças criam suas próprias brincadeiras ou estas são dirigidas pela professora.

Iluminação – A iluminação é pública e atende às necessidades. Quando queima alguma lâmpada ou reator a escola providencia a manutenção por si mesma ou recorre à secretaria de educação. Atualmente precisamos fazer uma revisão geral na parte elétrica.

Água – O abastecimento de água vem da rede pública, mas a escola construiu recentemente uma cisterna com bomba automática para suprir eventuais necessidades.

Esgoto – Foi construída no ano 2000 fossa e um filtro anaeróbio com sumidouro para o destino do esgoto sanitário, pois defendemos o meio ambiente e a água como os bens preciosíssimos da humanidade.

Antes, todo o esgoto sanitário da escola era despejado no córrego Indaiacú, sem nenhum tratamento.

Mobiliário – Cada sala de aula contém uma mesa com uma cadeira do professor, mais 25 carteiras universitárias para os alunos. O espaço é de 1,17 m<sup>2</sup> por aluno. Há também um armário de aço em cada sala para guardar o material dos alunos e do professor. Há também dois murais de madeira no tamanho 3,00 x 1,00 m para exposição dos trabalhos e um quadro de giz.

O estado de conservação das mesas e cadeiras é bom, os armários encontram-se danificados pela ferrugem e sem chaves nas portas, porém, ainda estão sendo utilizados.

### Recursos Financeiros

A Escola Municipal Pastor Luiz Laurentino, recebe uma verba anual do FUNDEF (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Fundamental), através do Programa Nacional do Dinheiro na Escola com o qual podemos adquirir alguns bens de consumo e permanentes e fazer pequenos reparos na rede física.

A escola tem também uma cantina que auxilia nas pequenas despesas do cotidiano. A cada ano, no mês de julho, promovemos uma festa julina folclórica, onde arrecadamos fundos para promover passeios, festas, etc.

leitura, que são renovados a cada rodízio. E as crianças adoram o dia que a mala está em sala de aula.

### Conselhos ou Associações

A Escola Municipal Pastor Luiz Laurentino possui uma associação de pais e professores, fundada em 1997 com Estatuto próprio. A associação tem sua Unidade Executora (UE) para recebimento da verba do FNDE (Fundo de Desenvolvimento da Educação Fundamental) através do programa Dinheiro Direto na Escola do Governo Federal.

### Características da Gestão

A Escola Municipal Pastor Luiz Laurentino, tem como prática democrática, a escolha do Diretor através de eleições diretas, desde 1994. Baseada na manifestação da vontade da comunidade escolar, a eleição se caracteriza pelo voto direto representativo. Sendo assim, o Diretor assume responsabilidade política junto à comunidade que o elegeu para um mandato por tempo determinado de 2 (dois) anos, com direito à reeleição.

### Características da comunidade

O bairro onde está localizada a escola, é um dos mais antigos da cidade de Casimiro de Abreu, já possuiu características de bairro muito pobre, porém hoje é um bairro limpo e organizado, com alamedas para pedestres, margeadas com flores e árvores.

A comunidade é bastante participativa, nas atividades da escola, em média 45% dos pais comparecem as reuniões e participam efetivamente da vida escolar dos filhos. Sabemos no entanto que este quantitativo ainda é baixo. É uma comunidade de classe média baixa, os alunos são filhos de pedreiros,

### Planejamento dos Professores

O planejamento é semanal com duração de 1h 30 min. e acontece por série.uma vez por mês todos os professores se reúnem para trocar informações gerais. Os docentes consideram insuficiente o tempo de planejamento.

### Relações com a Comunidade

O número de pais ou responsáveis, que comparecem as reuniões e assembléias para participar da vida escolar de seus filhos, é insuficiente, menos da metade. O sistema de contato com as famílias não é satisfatório, freqüentemente a escola precisa ir à casa do aluno para conversar com os responsáveis, pois alguns não comparecem quando solicitados através de bilhetes.

É preciso que as famílias participem mais da vida escolar de seus filhos

### Níveis e modalidades de Ensino Ministrado:

A Escola Municipal Pastor Luiz Laurentino ministra os seguintes níveis de Ensino:

- a- Educação Infantil
- b- Ensino Fundamental – 1º segmento – diurno
- c- Ensino de Jovens e Adultos – noturno

### Turnos de funcionamento

Manhã: 7 h 30 min às 11 h 30 min  
Tarde: 13h às 17 h  
Noite: 19 h às 22 h

De acordo com o regimento Básico das escolas Municipais a Escola Municipal Pastor Luiz Laurentino recebe a classificação **C**, devido ao quantitativo de alunos que está entre 251 e 475.

### Objetivos gerais para o Ensino Fundamental 1º segmento

O primeiro segmento do Ensino Fundamental acessível às crianças com faixa etária a partir dos 6 (seis) anos de idade, terá duração de 5 (cinco) anos, divididos em dois blocos:

- a- CBA – Ciclo Básico de Alfabetização – com duração de 3 anos
- b- 3ª e 4ª séries – com duração mínima de 2 (dois) anos no sistema de seriação.

O primeiro segmento do Ensino Fundamental tem como objetivos:

- A formação básica do cidadão.
- Construir e consolidar o processo de alfabetização, permitindo acesso à leitura e à escrita de acordo com seu meio social e cultural
- Aprofundar e ampliar conceitos, sistematizando e aumentando conhecimentos adquiridos no processo de aprendizagem
- Desenvolver a capacidade de aprender, tendo como meios básicos o domínio da leitura, da escrita e do raciocínio lógico, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades, formação de valores e atitudes
- Adquirir a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade
- Criar condições para que os educandos desenvolvam pensamento reflexivo próprio a crítica construtiva, o espírito de pesquisa, de imaginação e o senso de solidariedade humana.

## Filosofia Educacional

### *Que escola é esta?*

A Escola Municipal Pastor Luiz Laurentino, é uma instituição comprometida com a promoção da justiça e da dignidade humana, preparando seus educandos para o mundo e para a valorização do trabalho, desenvolvendo-lhes o espírito crítico, educando-os, para o avanço tecnológico e científico,mas fazendo valorizar a emoção a intuição, a curiosidade e a criatividade no processo de conhecimento

É uma escola que acredita na importância do saber fazer e do saber ser, sendo um espaço para a troca de experiência entre educadores e educandos, troca esta de aprendizagem coletiva , de descobertas e socialização das descobertas, um espaço de construção do conhecimento. Que oferece condições para que o aluno construa seu conhecimento e possa atuar sobre a sua realidade, ,modificando-a, transformando-a rumo à justiça e a ética, em todos os níveis de relações. Uma escola aberta à inclusão das pessoas portadoras de necessidades especiais , com vistas à integração na sociedade.

E, finalmente, uma escola que ensina o aluno a pensar, a ser curioso diante das situações de aprendizagem, a ser sujeito desse processo.

### Que homem se quer ajudar a formar?

Aquele que seja praticante e defensor dos direitos fundamentais da pessoa humana, capaz de conviver com os avanços tecnológicos, humanizando –os em favor da sociedade; que pense e demonstre sua fé, contribuindo efetivamente para a construção de um mundo melhor.

Que tenha como base os valores da justiça, da solidariedade, da partilha, da participação, do amor, da verdade, da honestidade, e também da emoção da intuição e da sensibilidade.

Que sociedade esperamos construir?

Uma sociedade mais justa e democrática, que crie espaços e mecanismos para a promoção dos direitos fundamentais da pessoa humana e aberta às mudanças relacionadas às melhorias na qualidade de vida dos cidadãos.

## AVALIAÇÃO

A LDB ( Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ), nº 9394/96 estabelece as diretrizes para verificação do rendimento escolar, que deverá observar os seguintes critérios: avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo período sobre as eventuais provas finais. ( LDB – nº 9394/96 – Artigo 24, inciso V, alínea a ).

Baseada nos critérios acima estabelecidos, a Escola Municipal Pastor Luiz Laurentino, adota a avaliação como um instrumento que permite ao professor uma reflexão contínua sobre sua prática, permitindo ajustes constantes no decorrer do processo, para que haja melhor aprendizagem do aluno. E também, como instrumento que permite ao aluno tornar consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades.

Avaliar é uma forma de verificar o que foi e o que não foi aprendido pelo aluno e modificar as estratégias de ensino para que ele possa aprender.

O professor deverá realizar a avaliação de varias maneiras.

- a- Através da observação diária e sistemática do rendimento do aluno, devendo registrar em seu caderno de plano, numa tabela ou numa lista de controle. Cada avanço do aluno é importante.
- b- Analisando as produções do aluno – Tudo que ele produzir, em qualquer área de conhecimento ou aspecto sócio-afetivo será analisado, alem do texto, pesquisa ou atividade produzida para fins específicos de avaliação. Também é conveniente guardar alguns trabalhos dos alunos ( Produções artísticas ou escritas ) para acompanhar sua evolução. Sendo que eles próprios podem participar da análise destes materiais. É o que podemos chamar de “ arquivos de atividades”.

- c- Atividades específicas para avaliação – as atividades específicas de avaliação devem ser semelhantes às situações de aprendizagem diária estruturadas em sala de aula, isto é, que não se diferenciem, em suas estruturas, das atividades que já foram realizadas. Em segundo lugar, deixar claro para os alunos o que pretende avaliar para que estejam mais atentos a estes aspectos.
- d- Auto – avaliação => constantemente, as crianças devem ser estimuladas a analisar e expressar o que fazem, como e o que fazem de determinadas maneiras e se proporem a tentar outras formas de agir, caso se chegue à conclusão de que devam mudar, reformulando idéias e atitudes. Agindo assim, o professor estará colaborando para que seus alunos, através da expressão, organizem melhor o seu poder de analisar e sintetizar as idéias. Esse tipo de avaliação deve ser feita durante as atividades que estão sendo realizadas, ao seu término e, também ao final do dia ou de um período maior (culminância de um tema ou projeto), conversando-se naturalmente sobre os trabalhos. Este é o momento do aluno poder analisar, refletir e se expressar a respeito das atividades, além de sua própria participação frente a elas; manifestar a sua satisfação ou insatisfação, demonstrar o que considera muito fácil ou muito difícil, revelar o que lhe dá mais prazer.

Pode parecer irreal achar que uma criança já possa manifestar opiniões sobre sua inserção na escola que frequenta, mas devemos incentiva-la, desde cedo a exercer papel atuante na comunidade escolar. Esta opinião da criança pode se manifestar através de desenhos dos rostinhos alegres ou tristes, satisfeitos ou zangados, através da fala ( diálogo) ou escrita.

Também o professor não pode dispensar uma reflexão constante de sua prática, pois grande parte das experiências bem sucedidas para os alunos, depende da maneira de propor, desafiar, problematizar, manter uma idéia inicial ou muda-la, se for necessário, o que é uma das competências do professor regente. Sua inversão pedagógica deverá ser avaliada desde a fase do planejamento, até os resultados finais, tendo em vista a condução do trabalho e o replanejamento.

### Decisões a serem tomadas mediante os resultados da avaliação

- a- Estudos adicionais => o aluno deverá freqüentar pelo menos quatro horas semanais de estudos adicionais, fora do horário regular de ensino
- b- Formação de pequenos grupos na classe, para realizar atividades mais direcionadas.
- c- Lições extras ou atividades para casa=> estas lições deverão servir para fixação do conteúdo dado ou revisado.
- d- Grupo de apoio => o aluno deverá em ultima instancia, ser encaminhado a um grupo de apoio como um psicólogo, assistente social, fonoaudiólogo ou outros, de acordo com a necessidade apresentada. No município podemos contar com o NAE ( Núcleo de Apoio ao Educando ) que oferece o apoio desses profissionais.

### Como registrar o desempenho dos alunos?

Em primeiro lugar, é preciso que os professores em conjunto, tenham bem claro o seguinte: Quais são as suas intenções, o que eles pretendem que seus alunos aprendam durante o ano – os objetivos. Em seguida, esses assuntos serão distribuídos pelo ano letivo e serão relacionadas algumas experiências que os alunos deverão vivenciar para melhor se apropriarem dos conteúdos.

E a avaliação quando e como se dada? Durante o tempo em que o professor, observa os seus alunos trabalhando, individualmente ou em grupos, analisa tarefas, percebe se existe alguma dificuldade, tenta outras maneiras de trabalhar o mesmo tema, discute com a turma, aplica algumas atividades que serão específicas para este fim, anota em seu caderno as diferentes relações das crianças, guarda alguns trabalhos para acompanhar o seu progresso. E no final de cada bimestre, dá uma "parada" para refletir melhor: De tudo que planejamos e executei junto ao meu aluno, o que ele aprendeu? Isto é relevante dentro do assunto? E o que ainda não aprendeu? Por que?

São estas as informações básicas para o **relatório individual do aluno** e para o replanejamento de ações.

É preciso entender que neste processo, não só o aluno é possível de ser "julgado". Todas as condições que favorecem ou dificultam, a sua aprendizagem tem que estar sujeitas a constante avaliação: O planejamento, as atividades, o desempenho do professor, as relações interpessoais, o meio sócio – cultural, os recursos materiais disponíveis.

### Síntese

#### Avaliação por nível e modalidade de Ensino.

- Avaliação no CBA –

- a) Observação diária e registro no caderno de plano ou em fichas individuais.
- b) Relatório individual do aluno por bimestre
- c) Atividades específicas para fins de avaliação
- d) Análise de produções feitas pelo aluno. Algumas serão arquivadas para efeito de análise do seu desenvolvimento
- e) Auto – avaliação do aluno, do professor e das condições de trabalho
- f) Preenchimento de Ementa com objetivos específicos.

- Avaliação na 3ª e 4ª Série –

- a) Observação diária e registro no caderno de plano ou fichas individuais
- b) Arquivo de atividades – algumas produções dos alunos serão arquivadas para observar seu desenvolvimento
- c) Atividades específicas para fins de avaliação

d) Auto-avaliação do aluno, do professor e das condições de aprendizagem:

- 3,5 e 3,5 para as produções dos alunos – pesquisa, trabalhos em grupo, participação nas aulas, atividades de casa, etc.
- 3,0 – para avaliação Integrada ( englobando matemática, ciências, português historia e geografia )
- Valor total – 10,0 por bimestre

• Avaliação na Prê-fase da EJA ( Educação de Jovens e Adultos)

- a) Observação diária e registro no caderno de plano ou em fichas individuais.
- b) Relatório individual do aluno por bimestre
- c) Atividades específicas para fins de avaliação
- d) Análise de produções feitas pelo aluno. Algumas atividades serão arquivadas para o efeito de análise do seu desenvolvimento.
- e) Auto-avaliação do aluno, do professor e das condições de aprendizagem
- f) Preenchimento de Ementa com objetivos específicos.

• Avaliação na Fase I e Fase II da EJA ( Educação de Jovens e Adultos)

- a) Observação diária e registro no caderno de plano ou em fichas individuais
- b) Arquivo de atividades – algumas produções dos alunos serão arquivadas para observar o seu desenvolvimento
- c) Atividades específicas para fins de avaliação

d) Auto-avaliação do aluno ,do professor e das condições de aprendizagem notas – no diário e na ficha individual do aluno

- 3,5 e 3,5 para as produções dos alunos – pesquisa, trabalhos em grupo, participação nas aulas, atividades de casa, etc.
- 3,0 – para avaliação Integrada ( englobando matemática, ciências, português historia e geografia )
- Valor total – 10,0 por bimestre

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

A Escola e os professores não estão preparados para trabalhar com ciclos.  
 A proposta de avaliação não foi positiva porque não definiu se o aluno teria um qualitativo ou quantitativo, não proporcionando ao aluno a oportunidade de avançar.  
 Mas acreditamos que o aluno deve ser alfabetizado em 2 anos.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

O CBA é válido, positivo porque dá ao aluno a oportunidade de ser alfabetizado em um tempo maior.  
 A avaliação de 3ª e 4ª séries ainda continua sendo a opção mais sensata porque o aluno não pode ser promovido para uma 5ª fase sem ter alcançado os objetivos propostos.  
 No sistema seguido o aluno se mostra mais responsável, mais comprometido.  
 \* Acreditamos na proposta de Avaliação do CBA / 3ª e 4ª séries.

Data: 12/03/01  
 Assinaturas:

Neuzi da Silva Drummond  
 Ana Paula dos Santos  
 Ana Ney de Carvalho  
 Tácia O. S. Mpeinho  
 Regínia Viladão dos Santos

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

Vemos o ciclo básico como uma forma de levar o aluno a adquirir o seu processo de aprendizagem em relação a leitura e a escrita durante um tempo mais prolongado e podendo assim ter esta aprendizagem contínua e dentro da individualidade e tempo do aluno.

Dentro do ciclo vê-se a necessidade do professor conhecer mais o aluno e preparar-se mais para reativar os conteúdos apropriados, elaborando atividades mais dinâmicas e reflexivas.

As avaliações "também" são realizadas também dentro da individualidade do aluno, como ser humano e não simplesmente com um quantitativo que vai dizer que ele vai para uma série seguinte ou não.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

Vemos que o CBA se faz necessário principalmente por entendermos que o ciclo é válido e este continuará valorizando a individualidade e o tempo de cada aluno, ressaltamos a importância da permanência do professor do CBA neste sistema.

Em relação a 3ª e 4ª séries, sendo feita uma reflexão vemos que o mesmo também é necessário pois estará preparando o aluno para o 2º segmento e é também uma forma de constatar se o objetivo do CBA foi alcançado em relação ao processo de leitura escrita, onde com certeza em relação a avaliações nós estamos valorizando o quantitativo, mas continuamos sendo valorizado a individualidade as reflexões e sendo esta relação conquistada no CBA.

Data: 12 de março de 2001.

Assinaturas:

1. *[Assinatura]*
2. *[Assinatura]*
3. *[Assinatura]*
4. *[Assinatura]*
5. Ruthania R. M. Soares.
6. Selma Lucia S. Salgado

Rua Padre Anchieta, 106 - Centro  
CEP: 28640-000 - Telefax: (071) 718.2011

7. Andréia Cunha Passos
8. Superatrizia R. Netto
9. Raquel Gomes de Silva
10. *[Assinatura]*
11. *[Assinatura]*
12. M. C. Saldo
- 13.
- 14.

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

T  
 Acreditamos que o ciclo básico funciona  
 de alfabetização da 2ª série, pois nesse período  
 a frequência de ser trabalhada o processo  
 de leitura escrita, produção de texto e interve-  
 ração durante as conteúdos para 3ª e 4ª série.  
 Uma criança que não é bem alfabetizada  
 não consegue desenvolver as atividades propostas  
 pelo professor.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

na 3ª e 4ª série não acreditamos no ciclo.  
 Nessas séries, o aluno deve ser avaliado  
 através de testes, sendo o mesmo período,  
 caso não alcance os objetivos propostos.

Data: 23 de março de 2003  
 Assinaturas:

Rosiane de B. da Silva  
 Maria Lucia de Jesus

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

Através de uma sondagem nesta Unidade Escolar, pode observar que os profissionais de ensino, embora de maneira igualitária, ou seja, todos acham que o ciclo básico, não funciona, devido a transferência de responsabilidades, o professor da I fase, acha que o aluno aprenderá na II fase, e por sua vez o professor da II fase, passa a responsabilidade para o da III fase. Enfim, nota-se que o maior prejudicado é o aluno, pois o mesmo chega na V fase, as vezes, sem o conteúdo necessário, motivo este, devido a promoção automática.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

A maioria dos profissionais desta Unidade Escolar, não aprovam nem mesmo o CBA, ou seja, devendo retornar ao sistema seriado. Entretanto, de uma maneira ou de outra, faz-se necessário reformular a avaliação dos educandos, ou seja, pensar em um novo jeito de se avaliar, atendendo as expectativas dos professores, e principalmente, dos alunos.

Data: 15 de março de 2001

Assinaturas:

Valéria C. M. Costa Neves

~~Juliana Lima da Silva~~

Juliana Lima da Silva

Juliana Lima da Silva

Juliana Faria de Assis

Rua Pastor Antônio, 1067 - Centro  
CEP: 20800-009 - Telefone: (024) 718.2034

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

Deu certo em alguns momentos e em outros não:

- crianças chegando na III fase. Cido, por idade, do lar.
- a postura do profissional (sem conhecimento das propostas do ciclo básico, embora estudadas).
- levantar a auto-estima dos alunos, diminuindo a retenção, principalmente nas primeiras séries.
- sistema de avaliação trabalho, em cursos

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

As diferentes formas de nomeação das séries serão sucesso com o compromisso do profissional.

A mudança é válida, se for em prol do aluno.

Data: Barra de S. João, 12/03/2001.

Assinaturas:

Flávia - Diretora

Flávia - Secretária

Andréa de S. Luffen - Professora

Juliana de S. Oliveira - Professora

Rua Padre Anchieta, 106 - Centro

CEP: 28860-000 - Telefone: (021) 778.2034

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

O ciclo Básico deixou a desejar, devido que não houve responsabilidade dos professores, onde percebemos que os alunos chegaram ao final do ciclo com deficiência na leitura e escrita.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

Concordamos. Se o professor assumir uma postura responsável, na questão de alfabetização, o aluno vai chegar à 3ª e 4ª séries com mais condições na leitura e escrita e serão preparados para enfrentar a 5ª série sem maiores dificuldades.

- fala do professor  
de longo  
- concordando de algo  
já orientado

Data: 12/03/01  
Assinaturas:

Letícia C. Muniz  
Lidiana S. dos S. e Silva  
Rosilene D. Muniz  
Edir de S. D. Jardim  
Christiane Quintal

Rozani L. S. de Oliveira Rosa

Rua Padre Anchieta, 106 - Centro  
CEP: 28860-000 - Telefax: (024) 778.2034

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

Nós não concordamos com a Continuação do Ciclo Básico, já que os professores não têm a consciência de que o ciclo é um processo contínuo, pois sabemos que ao final do 1º ciclo o aluno deverá dominar a leitura e a escrita.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

Concordamos. O professor terá mais responsabilidade de promover o aluno, já que seu trabalho vai repercutir na vida do aluno, estando sendo preparado para ingressar na 5ª série sem nenhuma dificuldade, digo menos dificuldades.

Data:

Assinaturas:

Regina Maria Pereira de Andrade - Diretora  
 Lílian M. Pereira - Coordenadora

Trândir de Carmo F. Silva - Professora VI fase

## Departamento de Ensino

## Avaliação do Ciclo Básico

É um trabalho a ser repensado, uma vez que os problemas detectados no 1º ciclo não foram solucionados, repercutindo no 2º ciclo, tendo o aluno como o mais prejudicado, chegando até a II fase e até mesmo a 5ª série do 2º segmento sem o mínimo de conteúdo.

Fora de nossa realidade esodar exam os imensos re-latórios, onde, até mesmo por falta de incentivo e e-mentação, os professores acabam por padronizar qua-se que totalmente o diagnóstico de uma turma in-teira.

## Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

É uma expectativa muito grande no que se quer im-plantar, mas é necessário um apoio participativo, além de uma progressiva orientação para diretor pedagógico, pro-fessor-orientador e professores.

A princípio, parece-nos uma proposta mais viável a nossa realidade, o que não acontece com o Ciclo Ba-sico.

Com o sucesso do CBA, os alunos da 3ª e 4ª série terão, com certeza, menos dificuldades de absorver os conteúdos básicos e terão melhor desempenho no 2º segmento.

Data: 12/03/01

Assinaturas:

  
 Rui  
 Edete  
 M. Araújo  
 Dória  
 M. Gomes

Rua Padre Anzures, 106 - Centro  
 CEP: 28600-000 - Telefone: (021) 778.2014

Departamento de Ensino

Avaliação do Ciclo Básico

Gosto deste método de ensino, porém a parte burocrática é muito intensa, deveria estudar um meio de enlugar as posturas dos alunos.

Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

Gostei da nova proposta de ensino, sendo alguns poderão ser avaliados anualmente, se está apto para cursar uma nova série.

Data: 14/03/01

Assinaturas: 

Departamento de Ensino

Avaliação do Ciclo Básico

A proposta do Ciclo Básico é boa mas o educador não foi preparado o suficiente para desenvolver um bom trabalho usando esta ideia. Depois que adotamos o Ciclo Básico percebemos que os trabalhos desenvolvidos nesta Unidade Escolar pelos professores não tiveram bom êxito. A proposta de alfabetização foi a que mais sofreu pelo quanto de se alfabetizar por muito tempo, eles curaram o tempo não deram base de professor para que ele pudesse trabalhar com eficiência e segurança o seu trabalho. Temos percebido que o aluno tem dificuldade de ler e escrever porque muitas vezes não tem a linguagem a linguagem necessária para o seu bom desempenho escolar.

Avaliação do CBA / 3ª e 4ª Séries

O Ciclo Básico tem como resultado na nossa escola o baixo rendimento de alunos. Observando todos estes pontos, temos decidido o desejo de determinar que sistema de ensino nesta Unidade Escolar não só no 2º ciclo, mas também no 1º ciclo.

Data:

Assinaturas:

Alexandra Cinelli de Seta  
 Graciana Alves de Oliveira  
 Maria dos Reis de Sá  
 Evandro Espíndola Vieira  
 Gildeia Felto Gomes Coutinho

Rua Padre Anchieta, 106 - Centro  
 CEP: 28860-000 - Telêfax: (02-1) 778-7014



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CASIMIRO DE ABREU**  
**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

**EMENTA ESCOLAR CBA**

U. E.: \_\_\_\_\_

NOME DO ALUNO: \_\_\_\_\_

Ano \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CASIMIRO DE ABREU**  
**Secretaria Municipal de Educação**

**EMENTA ESCOLAR**  
**CBA**

<b>EMENTA - CBA - PORTUGUÊS</b>	
01 - Expressa-se verbalmente com clareza de forma a ser entendido pelo grupo.	
02 - Identifica, lê e escreve o alfabeto.	
03 - Identifica a palavra trabalhada em outros contextos.	
04 - Identifica e interpreta símbolos (rótulos).	
05 - Combina sílabas estudadas, formando novas palavras.	
06 - Escreve novas palavras com as sílabas já estudadas.	
07 - Forma frases simples (oralmente).	
08 - Forma frases simples por escrito.	
09 - Escreve novas palavras com sílabas complexas.	
10 - Distingue adequadamente consoantes através de exercícios de comutação (bato/ mato/ faca/ vaca).	
11 - Lê e interpreta frases e pequenos textos.	
12 - Lê, produz e transpõe textos para linguagem não verbal e vice-versa (desenho-leitura de desenho)	
13 - Separa e numera sílabas, sem classificação.	
14 - Ouve e canta, observando a letra, melodia, ritmo e entonação.	
15 - Dramatiza textos lidos e/ ou ouvidos.	
16 - Produz diferentes tipos de textos, coletiva ou individualmente de acordo com seu estágio de aquisição da escrita.	
<b>EMENTA - CBA - MATEMÁTICA</b>	
01 - Observa, compara, faz agrupamentos com diversos materiais.	
02 - Identifica e classifica objetos e formas geométricas segundo os atributos: Forma, cor, tamanho, semelhança e diferença.	
03 - Compreende a noção de número através da equivalência de agrupamentos.	
04 - Escreve e reconhece quantidades associando-as ao símbolo numérico.	
05 - Relaciona a adição e a subtração com a ação de juntar e separar agrupamentos	
06 - Identifica e estabelece critérios que definam uma classificação de números (maior que, menor que, estar entre) e regras usadas em seriações (mais 1 e mais 2).	
07 - Reconhece o andamento do tempo (hoje, amanhã e agora).	
<b>EMENTA - CBA - CIÊNCIAS</b>	
01 - Identifica e nomeia as partes do corpo.	
02 - Executa atividades da vida diária, associadas aos bons hábitos de higiene do corpo, vestuário, alimentação e habitação.	
03 - Identifica e localiza os órgãos dos sentidos e associa às modalidades sensoriais.	
04 - Identifica animais num conjunto de seres vivos, nomeando-os.	
05 - Reconhece os diferentes tipos de vegetais.	
06 - Identifica a planta com ser vivo.	
07 - Reconhece as diferentes partes de uma planta e as suas respectivas funções.	
08 - Reconhece a importância da água na vida diária.	
09 - Constata a existência do ar e de sua força.	
10 - Reconhece a importância do ar para a vida das pessoas.	
11 - Reconhece os fenômenos da natureza e as mudanças do tempo.	





**PREFEITURA MUNICIPAL DE CASIMIRO DE ABREU**  
Secretaria Municipal de Educação

**EMENTA - CBA - PORTUGUÊS**

01 - Expressa-se com espontaneidade e segurança.	
02- Identifica, lê e escreve o alfabeto.	
03 - Lê com entonação frases declarativas, exclamativas e interrogativas.	
04 - Produz pequenos textos livremente.	
05 - Lê silenciosamente com compreensão clara de fatos expressos em textos.	
06 - Lê oralmente com ritmo, entonação e pronuncia adequada.	
07 - Lê e interpreta pequenos textos.	
08 - Reconhece a separação da sílaba dentro do texto.	
09 - Redige e modifica pequenos textos lidos e ouvidos.	
10 - Escreve com clareza e ordenação lógica do pensamento.	
11 - Reconhece palavras que nomeiam e caracterizam seres.	
12 - Reconhece e emprega alguns sinais gráficos como: acento agudo, acento circunflexo e alguns sinais de pontuação.	
13-Lê e comenta textos informativos, divertidos, persuasivos, expressivos e/ou literários.	
14 - Ouve e reconta textos informativos, divertidos, expressivos e/ou literários.	
15 - Reconhece o antônimo como palavra de sentido contrário.	
16 - Reconhece o sinônimo como palavra de sentido semelhante.	
17-Reconhece os diversos sentidos de uma mesma palavra em frases e textos diferenciados.	
18 - Grafia corretamente palavras usuais.	
19 - Reconhece a idéia de tempo (presente, passado e futuro) em frases simples e outros contextos.	
20 - Flexiona em frases, os verbos nos tempos: presente, passado e futuro.	
21 - Produz e amplia frases de vários tipos.	
22 - Produz diferentes tipos de textos, coletiva ou individualmente, de acordo com o seu estágio de aquisição escrita.	

**EMENTA - CBA - MATEMÁTICA**

01 - Grafia corretamente os números cardinais.	
02 - Retoma e amplia a noção sobre a seqüência habitual dos números.	
03 - Relaciona as noções de quantidade com as representações numéricas.	
04 - Agrupa quantidade, formando grupo de 2, 3 ou mais elementos.	
05 - Identifica a subtração como operação inversa da adição.	
06 - Efetua adições e subtrações básicas do cálculo mental.	
07 - Efetua adições e subtrações sem reagrupamento, usando o algoritmo habitual.	
08 - Reconhece a unidade e a dezena de um número.	
09 - Representa números com material dourado.	
10 - Reconhece horários das atividades habituais na escola e em casa.	
11 - Identifica a unidade de tempo-dia, semana, mês (utilização do calendário).	

**EMENTA - CBA - CIÊNCIAS**

01 - Identifica o ser humano como um ser vivo.	
02-Identifica as várias fases do desenvolvimento do ser humano, desde a vida intra-uterina.	
03 - Reconhece e nomeia as diferentes partes do corpo humano.	
04 - Identifica os órgãos dos sentidos e suas respectivas funções.	
05 - Estabelece relações entre hábitos de higiene e a boa saúde.	
06 - Observa os cuidados que se deve ter com o lixo e o seu destino final.	
07-Identifica, no ambiente em que vivemos, os elementos naturais e os que são fabricados pelo homem	



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CASIMIRO DE ABREU**  
**Secretaria Municipal de Educação**

08 - Reconhece as características e as necessidades dos seres vivos.	
09 - Identifica os diferentes tipos e tamanhos de plantas.	
10 - Observa o processo de plantio e desenvolvimento de uma planta através de sementes (germinação) ou mudas.	
11 - Observa as diferenças que existem entre os animais.	
12 - Reconhece a importância dos alimentos na vida do ser humano.	
13 - Identifica a origem dos principais alimentos (vegetal, animal e mineral).	
14 - Reconhece que a boa saúde depende de uma boa alimentação.	
<b>EMENTA - CBA - HISTÓRIA E GEOGRAFIA</b>	
01 - Registra dados pessoais tais como: nome, idade, endereço e filiação.	
02 - Identifica-se como membro ativo da família escola e sociedade.	
03 - Reconhece a importância do trabalho para a sobrevivência do homem.	
04 - Identifica os diferentes tipos e tamanhos de moradias.	
05 - Identifica as pessoas que trabalham na escola e suas respectivas funções.	
06 - Identifica as dependências da escola e suas respectivas funções.	
07 - Identifica os meios de comunicação como a serviço do bem público para atendimento	
08 - Observa e nomeia as variações do tempo e as estações do ano	
09 - Localiza a escola e sua moradia, utilizando pontos de referência (perto de, longe de, a direita de, a esquerda de).	

**OBSERVAÇÕES:**

Observações complementares no decorrer dos bimestres:

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CASIMIRO DE ABREU**  
Secretaria Municipal de Educação

**EMENTA - CBA - PORTUGUÊS**

01 - Expressa-se oralmente em pensamentos completos, pronunciando as palavras com clareza e correção.	
02 - Emite opiniões sobre assuntos debatidos em sala de aula.	
03 - Lê pequenos textos, demonstrando compreendê-los: - Identificando idéias centrais; - Identificando e caracterizando personagens; - Identificando as ações e falas dos personagens; - Emitindo opiniões e/ ou conclusões.	
04 - Lê oralmente, de maneira espontânea, as pausas e a acentuação frasal.	
05 - Escreve com clareza e ordenação lógica do pensamento.	
06 - Produz diferentes tipos de textos coletiva ou individualmente, de acordo com seu estágio de aquisição da escrita.	
07 - Separa sílaba funcionalmente, isto é, em frases/ textos.	
08 - Conhece a separação de sílabas: gráfica e foneticamente. Ex: car-ro (gráfica) ca-rrro (fônica).	
09 - Localiza palavras no dicionário de acordo com seqüência alfabética.	
10 - Lê e escreve palavras com X com som de: - / ch / (taxa) - / ss / (próximo) - / s / (texto) - / cs / (táxi) - / z / (exame)	
11 - Reconhece a idéia de tempo (presente, passado e futuro) em frases simples e outros contextos.	
12 - Flexiona em frases, textos, os verbos nos tempos: presente, passado e futuro.	
13 - Identifica a tonicidade das palavras, acentuadas ou não.	
14 - Identifica a determinação contextual da letra <m >em final de sílaba, antes de <p> e <b>.	
15 - Identifica a diferença entre a realização fônica e representação gráfica, observando que o mesmo som pode ser representado por letras diferentes: Som / s / representados pelas letras: - ss (pássaro) - ç (maçã) - s (sapo) - c (cebola) - xc (exceção) - sc ( nascer) - x (máximo)	
Som / z / representado pelas letras: - x (exame) - s ( casa) - z ( zebra)	
Som / x / representado pelas letras: - x (xícara) - ch (chuchú)	
Som de / g / representado pelas letras: - g (girafa) - j (jipe)	
16 - Reconhece e emprega sinais de pontuação e gráficos.	



**PREFEITURA MUNICIPAL DE CASIMIRO DE ABREU**  
**Secretaria Municipal de Educação**

17 - Reconhece e emprega substantivos, adjetivos, verbos em diferentes contextos sem classificá-los.	
18 - Utiliza adequadamente a linguagem escrita para expressar sua idéias.	
19 - Emprega adequadamente concordância nominal e verbal.	
<b>EMENTA - CBA - MATEMÁTICA</b>	
01 - Retoma noções sobre a seqüência habitual dos números.	
02 - Grafia adequadamente números cardinais e ordinais.	
03 - Identifica unidades de tempo - dia, semana, mês, bimestre, semestre e ano (utilização de calendário).	
04 - Interpreta situações - problemas, identificando a operação a ser aplicada.	
05 - Reconhece a multiplicação como adição de parcelas iguais.	
06 - Efetua adições e subtrações com e sem reagrupamento, usando o algoritmo habitual.	
07 - Reconhece que o nosso sistema monetário, assim como nosso sistema numérico, tem como base agrupamentos de 10 em 10.	
08 - Reconhece cédulas e moedas que circulam no Brasil e de possível troca entre cédulas e moedas em função de seus valores.	
09 - Calcula multiplicação e divisão por meio de estratégias pessoais e algumas técnicas convencionais.	
10 - Utiliza sinais convencionais (+, -, x, :, =) na escrita das operações.	
11 - Lê horas e minutos em relógios de ponteiro e digital.	
12 - Representa e realiza as quatro operações utilizando material dourado.	
<b>EMENTA - CBA - CIÊNCIAS</b>	
01 - Percebe que o ser humano possui semelhanças e diferenças.	
02 - Identifica as partes externas do corpo humano: Órgãos, características sexuais e suas funções.	
03 - Identifica a origem e os cuidados que deve ter com o alimento.	
04 - Reconhece a influência da alimentação sobre o crescimento e o desenvolvimento.	
05 - Relaciona hábitos de higiene bucal com saúde dentária.	
06 - Verifica a ocorrência de transformações naturais no ambiente: chuva, evaporação e condensação da água, erosão, enchentes e conseqüências.	
07 - Identifica diferentes partes da planta e suas funções.	
08 - Reconhece as várias espécies de plantas e sua utilização na alimentação e com fins medicinais.	
09 - Compreende a importância da luz solar para a vida na terra.	
10 - Constata a grande variedade de animais na natureza.	
11 - Percebe que cada espécie animal tem um jeito próprio de se comunicar e seu próprio habitat natural.	
<b>EMENTA - CBA - HISTÓRIA E GEOGRAFIA</b>	
01 - Identifica a rua e o bairro onde está inserida a escola.	
02 - Compara aspectos da família atual com aspectos de grupos familiares do passado (vestimenta, cultura, comportamento, etc.)	
03 - Levanta diferenças e semelhanças entre as pessoas e os grupos sociais que convivem na coletividade, nos aspectos sociais, econômicos e culturais.	

